



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

ALINE LACERDA LEITE DOS SANTOS

**NARRATIVAS E MEMÓRIAS SOBRE CONFLITOS FAMILIARES E DISPUTAS DE
PODER NO DISTRITO DE SANTA FÉ-MONTE HOREBE-PB 1870-1900**

**CAJAZEIRAS-PB
2022**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

ALINE LACERDA LEITE DOS SANTOS

**NARRATIVAS E MEMÓRIAS SOBRE CONFLITOS FAMILIARES E DISPUTAS DE
PODER NO DISTRITO DE SANTA FÉ-MONTE HOREBE-PB 1870-1900**

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do curso de Graduação em Licenciatura Plena em História, da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, do Centro de Formação de professores, da Universidade Federal de Campina Grande, UFCG, como requisito para a obtenção da nota.

Orientadora: Profa. Dr^a. Silvana Vieira de Sousa.

S237n Santos, Aline Lacerda Leite dos.
Narrativas e memórias sobre conflitos familiares e disputas de poder no distrito de Santa Fé-Monte Horebe-PB 1870-1900 / Aline Lacerda Leite dos Santos. - Cajazeiras, 2022.
84f.: il.
Bibliografia.

Orientadora: Profª. Dra. Silvana Vieira de Sousa.
Monografia (Licenciatura Plena em História) UFCG/CFP, 2022.

1. História - Distrito de Santa Fé-PB. 2. Paraíba - história. 3. História local. 4. História política. 5. Famílias. 6. Cultura política. 7. Disputa de poder. 8. História oral. I. Sousa, Silvana Vieira de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS CDU - 94(813.3)

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

ALINE LACERDA LEITE DOS SANTOS

**NARRATIVAS E MEMÓRIAS SOBRE CONFLITOS FAMILIARES E DISPUTAS DE
PODER NO DISTRITO DE SANTA FÉ-MONTE HOREBE-PB 1870-1900**

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do curso de Graduação em Licenciatura Plena em História, da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, do Centro de Formação de professores, da Universidade Federal de Campina Grande, UFCG, como requisito para a obtenção da nota.

Aprovada em: 25 / 03 / 2022

Profa. Dra. Silvana Vieira de Sousa (UFCG)
(Professora Orientadora e Presidente da Banca)

Profa. Dra. Janaína Valéria Pinto Camilo (UFCG)
Membro Interno I

Prof. Ms. Francinaldo de Souza Bandeira (UFCG)
Membro Interno II

Prof. Dr. Israel Soares de Sousa (UFCG)
Membro Suplente

AGRADECIMENTOS

Chego a fechar meus olhos nesse momento e relembrar de onde vim e chegar a terminar um curso superior me deixa em êxtase, gratidão primeiramente ao ser supremo, **Deus!**

Agradeço aos meus pais, minha mãe **Maria Lacerda** e ao meu pai **Manoel Sebastião** pelo incentivo e apoio do início até o fim desse percurso, és meu abrigo, amor, inspiração e admiração, gratidão por existirem.

Agradeço imensamente aos meus irmãos, **Flávio Lacerda**, **Fagner Lacerda** e **Flaviando Lacerda** por me ajudarem durante essa trajetória, vocês são um pedaço de mim, contem comigo sempre, gratidão.

Não poderia deixar de agradecer a essa mulher extraordinária minha orientadora professora **Dr^a. Silvana Vieira de Sousa** que tens sido durante o meu ciclo na universidade uma luz, por ter abraçado a minha pesquisa, gratidão por toda atenção, calma, dedicação, humildade e por ter acreditado no meu projeto, por ter trabalhado arduamente comigo, muito obrigada!

RESUMO:

O presente estudo, Narrativas e Memórias Sobre Conflitos Familiares e Disputas de Poder no Distrito de Santa Fé-Monte Horebe-PB 1870-1900. Teve como objetivo apresentar uma análise sobre as memórias sociais e histórias que apontam os conflitos familiares pelas quais os ramos das famílias Barbosa e Viriatos se tornaram fervorosos e rivais entre os anos de 1870-1900 e contribuíram para a chamada decadência do atual Distrito de Santa Fé-PB. Quanto aos objetivos específicos buscamos: entender os motivos pelos quais se originou os conflitos entre as famílias; identificar as relações de poder que predominavam no período de 1870-1900 no distrito de Fé-Monte Horebe-PB; Problematizar as vivências das famílias utilizando as memórias e compreensões dos indivíduos entrevistados. Trata-se de uma pesquisa exploratória e descritiva, utilizando-se da técnica bibliográfica e pesquisa de campo por meio de entrevistas orais. O estudo objetivou ainda resolver dúvidas pessoais, realizando pesquisa bibliográfica das descrições dos acontecimentos ocorridos durante o Século XIX em Santa Fé, a luz das interpretações da Nova História, e da nova história política. Dialogando com estudos tais como, DIAS (2011), PIMENTEL FILHO (2002), LIMA (1977), HAMPTON (1991), MARQUES (2002), VASCONCELOS (2008), LIMA (2010). E a luz da documentação produzida pelas narrativas dos entrevistados.

Palavras-chave: Distrito de Santa Fé-PB. História Local. História Política. Cultura Política. Disputa de Poder. História Oral.

ABSTRACT

The present study, Narratives and Memories about Family Conflicts and Power Disputes in the District of Santa Fé-Monte Horebe-PB 1870-1900. Its objective was to present an analysis of the social memories and histories that point to the family conflicts through which the branches of the Barbosa and Viriatos families became fervent and rivals between the years 1870-1900 and contributed to the so-called decadence of the current Santa Fé District. -PB As for the specific objectives, we seek to: understand the reasons why conflicts between families originated; to identify the power relations that prevailed in the period from 1870 -1900 in the district of Santa Fé-Monte Horebe-PB; Problematize the experiences of families using the memories and understandings of the individuals interviewed. This is an exploratory and descriptive research, using the bibliographic technique and field research through oral interviews. The study also aimed to resolve personal doubts, carrying out bibliographic research of the discretions of the events that occurred during the 19th century in Santa Fé, in the light of the interpretations of the New History, and the new political history. Dialogue with studies such as DIAS (2011), PIMENTEL FILHO (2002), LIMA (1977), HAMPTON (1991), MARQUES (2002), VASCONCELOS (2008), LIMA (2010). And in the light of the documentation produced by the narratives of the interviewees.

Keywords: District of Santa Fé-PB; Local History, Political History, Political Culture, Power Struggle, Oral History.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 - CONFLITOS E DISPUTAS DE PODER NO NORDESTE: OBJETOS DE ESTUDO DA HISTÓRIA	11
1.1 CONFLITOS QUE PERPASSAM NA HISTÓRIA DESDE TEMPOS REMOTOS: NOVOS OBJETOS DE ESTUDO.....	11
1.2 FONTES HISTÓRICAS ORAIS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	14
1.3 PRIMEIRAS IMPRESSÕES ACERCA DAS ORIGENS DE MONTE HOREBE-PB E CONFLITOS ENTRE FAMÍLIAS	19
1.4 OS PRIMEIROS CONFLITOS SOBRE O POVOADO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	21
CAPÍTULO 2 - SANTA FÉ-MONTE HOREBE-PB: CONFIGURAÇÃO DE ESPAÇO DE MEMÓRIAS DE CRISES SOCIAIS E CONFLITOS FAMILIARES	24
2.1 SANTA FÉ-MONTE HOREBE-PB: A VIDA NO ESPAÇO INICIAL DOS CONFLITOS FAMILIARES.....	25
2.2 PADRE IBIAPINA VIDA MISSIONARIA NA REGIÃO E EM SANTA FÉ – MONTE HOREBE – PB	28
2.3 PADRE MANOEL LINS DE ALBUQUERQUE: CONTRIBUIÇÕES PARA SANTA FÉ-MONTE HOREBE-PB	30
CAPÍTULO 3. HISTÓRIAS DE CONFLITOS E O PROCESSO DE DECADÊNCIA DE SANTA FÉ-MONTE HOREBE-PB	34
3.1 A DECADÊNCIA DE SANTA FÉ-MONTE HOREBE-PB: VIOLÊNCIA E DISPUTAS POLÍTICAS.....	37
3.2 OS VIRIATOS E OS BARBOSA COMO PERSONAGENS IMPORTANTES ACERCA DOS CONFLITOS QUE DERAM ORIGEM A CHAMADA DECADÊNCIA DE SANTA FÉ-MONTE HOREBE-PB.	40
3.3 AS CONSEQUÊNCIAS DOS CONFRONTOS ENTRE BARBOSA E VIRIATOS.....	43
3.4 OS RAMALHOS, A FAMÍLIA QUE PROGREDIU MESMO DEPOIS DO DECLÍNIO DE SANTA FÉ-MONTE HOREBE-PB.....	44
3.5 A MORTE DO TENENTE CARTAXO E O ÁPICE DO CONFLITO E CRISE SOCIAL EM SANTA FÉ-MONTE HOREBE-PB	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	55
APÊNDICES	59
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	59

INTRODUÇÃO

Realizar um processo de apuração de narrativas históricas, que possa implementar o conhecimento acerca de conflitos familiares ocorridos nos anos de 1870-1900 representa um verdadeiro desafio, visualizando este cenário, é de suma importância o trabalho de um profissional de História, que ao realizar suas funções de pesquisador concretizará um trabalho que pode também ancorar produções científicas semelhantes posteriormente.

Neste sentido essa pesquisa intitulada ” *Narrativas e memórias sobre conflitos familiares e disputas de poder no distrito de Santa Fé-Monte Horebe-PB 1870-1900*” visa ao aprofundamento acerca do conhecimento histórico do distrito de Santa Fé-Monte Horebe-PB, destacando e problematizando os relatos orais sobre os conflitos, as relações de convivência e relações de poder entre os grupos de famílias que residiam no distrito de Santa Fé, o ramo da família Barbosa, e a que veio do estado do Ceará, a linhagem dos Viriatos.

O território de Santa Fé pertenceu ao município de Sousa-PB até 1863 onde passou a fazer parte do município de Cajazeiras-PB, em 1885 suas terras passaram a pertencer a São José de Piranhas-PB e em 1939 passou a pertencer a cidade de Bonito de Santa Fé-PB. Monte Horebe-PB tornou-se independente com sua emancipação política em 1961 e a partir desta data Santa Fé passou a pertencer a esta comarca, sendo atualmente seu único distrito.

Pretende-se a partir desse estudo entender qual o contexto histórico destes conflitos familiares que ainda têm forte presença na memória dos habitantes, e como estes grupos familiares influenciavam a comunidade local por meio de suas relações de poder.

É importante salientar que ao leste da Serra do Bongá, o distrito de Santa Fé se localiza no município de Monte Horebe-PB, atualmente com 100 habitantes, além disso moradores dessa região destacam que no século XIX, o distrito Santa Fé foi desenvolvido mediante conceituado comércio.

Segundo relatos da memória social o distrito de Santa Fé passou pelo processo de crescimento nos anos 1860 por meio de seu comércio, contudo, a partir de conflitos familiares em que deixavam a população com um sentimento de insegurança, setores populares do distrito de Santa Fé acreditavam que forças “malignas” estavam presentes ali, principalmente quando ocorreu o assassinato do destacado agricultor que residiu no povoado, por nome Saturnino Barreto.

Nota-se, que a análise da história por meio das narrativas orais seja mais apropriada a uma pesquisa como a nossa, assim é imprescindível para as pesquisas manterem seu processo de coerência, a adoção de uma metodologia assertiva a exemplo do procedimento de entrevistas semiestruturadas. Esse estudo realizado no distrito de Santa Fé no município de

Monte Horebe-PB, por meio da análise a cerca de uma documentação que se fez importante, a exemplo das narrativas de pessoas que moravam naquela localidade, a exemplo de Maria Lacerda Leite, agricultora aposentada com idade de 65 anos, morou no distrito por cerca de 15 anos e possui fundamental completo, Manoel Messias Ferreira de Lima com 75 anos, frequentador daquele povoado, professor de história aposentado e que escreveu um livro “*São José de Piranhas: Um Pouco de Sua História*” em que relata fatos sobre Santa Fé e Francisca Leite de Moraes, agricultora com 50 anos de idade que nasceu e vive até hoje naquela localidade, possui fundamental completo, contudo dialogando com a historiografia e com teóricos e estudiosos da questão tais como: Dias (2011), Hampton (1991), Lima (1977), Marques (2002), Messias (2010), Pimentel Filho (2002), Rémond (1996) e Vasconcelos (2008).

Assim, delinearam-se os seguintes objetivos da pesquisa: o objetivo geral foi compreender os conflitos familiares pelas quais as famílias Barbosa e os Viriatos se tornaram fervorosos e rivais entre os anos 1870 - 1900. Mas, para ter uma resposta mais eficaz para esse objetivo geral, traçaram-se os seguintes objetivos específicos: Entender os motivos pelos quais se originou os conflitos entre as famílias; Identificar as relações de poder que predominavam no período de 1870 - 1900 no distrito de Santa Fé e problematizar as vivências das famílias utilizando as memórias e compreensões dos indivíduos entrevistados.

Logo, nessa pesquisa se buscará verificar primeiramente os conceitos e a história dos conflitos entre as famílias, em seguida vamos entender o que representava as relações de poder entre os grupos familiares e por fim, buscaremos entender como se deu os conflitos familiares na região por meio dos depoimentos coletados.

Assim sendo, apresenta-se a seguinte pergunta norteadora dessa pesquisa: Qual a importância de se analisar o processo de conflitos familiares no distrito de Santa Fé nos anos de 1870-1900, para compreender as relações de poder da época?

Além do interesse da pesquisadora pela temática, o estudo justifica-se pelas seguintes razões: na esfera acadêmica; a pesquisa se reveste de importância pelas contribuições que trará para professores, pesquisadores e estudantes da área de História e áreas afins sob a perspectiva da história local. Em outras palavras nossa pesquisa busca, além de sanar dúvidas pessoais, como por exemplo ao frequentar a escola do distrito de Santa Fé e observar que é registrada com o nome de Jonas de Sá Ramalho, vem a inquietação de compreender o porquê aquela instituição trouxe o nome de um descendente da família Sá Ramalho. E por que as famílias envolvidas nos conflitos não obtiveram homenagem?

Objetiva também analisar as narrativas e memórias dos entrevistados sobre os acontecimentos ali ocorridos de maneira a levar tais informações compreensíveis às novas gerações de tal forma que a história daquela localidade não seja apagada. Vale salientar a importância histórica para a cidade e a contribuição que trará aos discentes e em particular aos graduandos do curso de História ao se atentarem a futuras pesquisas na referida área de conhecimento, visto que a quantidade de trabalhos elaborados para compreender os aspectos de nossa cidade e dos antepassados é pequena.

Podemos afirmar que a concretização deste estudo de campo instrumentaliza a valorização da memória da região a partir da união de alguns elementos, a exemplo da reunião de recursos narrativos que têm por finalidade o aumento da compreensão do passado do município por meio da análise dos conflitos entre grupos familiares do início do século passado.

Desse modo, este estudo está dividido em três partes, no primeiro capítulo, intitulado **CONFLITOS E DISPUTAS DE PODER NO NORDESTE**, iremos discorrer acerca de uma nova historiografia que permite discutir sobre novos campos interpretativos das temáticas como esta sobre conflitos entre as famílias no Nordeste, o discurso está ancorado mediante um debate com a literatura especializada situando o objeto na história e na historiografia.

No segundo capítulo intitulado **SANTA FÉ-MONTE HOREBE-PB: CONFIGURAÇÃO DE ESPAÇO DE MEMÓRIAS DE CRISES SOCIAIS E CONFLITOS FAMILIARES**, trataremos através dos estudos acerca do tema já concretizados, debater sobre as relações de poder que predominavam no período de 1870-1900 no distrito de Santa Fé apresentando tempo e espaço da pesquisa.

Por fim, no terceiro capítulo intitulado **HISTÓRIAS DE CONFLITOS E O PROCESSO DE DECADÊNCIA EM SANTA FÉ-MONTE HOREBE-PB**, por meio de entrevistas semiestruturadas, iremos apresentar as memórias e vivências acerca do envolvimento dos grupos familiares na chamada decadência da região de Santa Fé -Monte Horebe -PB em 1870- 1900.

Esse estudo, portanto, visa contribuir significativamente para os estudos da comunidade local e acadêmica, visto que soma às pesquisas existentes no campo da historiografia de conflitos no Nordeste. Estudando a realidade histórica, mas acima de tudo a sensível, a experiência do morador, sua vivência e encantamento captada através das entrevistas e através da documentação a fim de investigar o porquê continua presente na narrativa dos indivíduos, esses conflitos que perpassam na memória dos “horebenses” e “santafeenses”.

CAPÍTULO 1 - CONFLITOS E DISPUTAS DE PODER NO NORDESTE: OBJETOS DE ESTUDO DA HISTÓRIA

Nosso objetivo principal nesse capítulo é apresentar as nossas fontes históricas, enfatizando as fontes orais como uma fonte histórica de suma importância para o campo da pesquisa historiográfica. Abordamos assim como a ideia de conflitos e violência a partir do estudo realizado no antigo vilarejo e atual distrito de Santa Fé, localizado no Município de Monte Hore-PB. Ainda neste capítulo, enfatizamos as primeiras impressões sobre a origem do município pelo qual o distrito de Santa Fé se localiza e por fim destacamos as impressões dos conflitos ocorridos no vilarejo, causando insegurança e medo aos moradores.

Assim, constituir um processo de busca e apuração de fatos históricos por meio de um trabalho com fontes orais tomadas como documentos históricos que possa viabilizar uma compreensão assertiva e crítica acerca de determinado período na história da humanidade caracteriza-se um verdadeiro desafio para o profissional da área.

Atualmente a consulta de fontes orais vem se tornando uma importante ferramenta para que o historiador, ao utilizar as lembranças e memórias coletivas ou individuais, realize seu trabalho da melhor forma possível perante as experiências armazenadas nessas memórias.

Nosso estudo se situa nesse campo, razão pela qual iremos entender a funcionalidade das fontes orais para a concretização da pesquisa histórica sobre as memórias e lembranças dos conflitos familiares marcados por situações de violência presentes na história do Nordeste e em especial no distrito de Santa Fé, atual município de Monte Horebe-PB.

As lutas familiares que se fizeram presentes no distrito de Santa Fé-Monte Horebe-PB se situam a partir de um conjunto de acontecimentos gerados nos anos de 1870-1900 nessa localidade e região. Para tanto, situaremos essas questões sob a perspectiva de fontes orais.

1.1 CONFLITOS QUE PERPASSAM NA HISTÓRIA DESDE TEMPOS REMOTOS: NOVOS OBJETOS DE ESTUDO

As hostilidades são inerentes ao processo de evolução dos seres humanos. A divergência na relação entre pessoas de uma comunidade ocorreu desde tempos remotos. Cada ser humano é singular em relação a sua história, temperamento, idade, composição genética. No jogo de relações entre famílias e desconhecidos, sempre houve alianças e luta pelo poder. O conflito surge quando há divergência de pensamento e em consequência disso a escolha entre situações são consideradas incompatíveis.

O conflito é dissenso. Decorre de expectativas, valores e interesses contrariados. Embora seja contingência da condição humana, e, portanto, algo natural, numa disputa, conflitos costuma-se tratar a outra parte como adversária, infiel ou inimiga. Cada uma das partes da disputa tende a concentrar todo o raciocínio e elementos de prova na busca de novos fundamentos para reforçar a sua posição unilateral, na tentativa de enfraquecer ou destruir os argumentos da outra parte. Esse estado emocional estimula as polaridades e dificulta a percepção do interesse comum (VASCONCELOS, 2008, p.19).

Singularmente, o conflito é um fenômeno subjetivo, na maioria das vezes inconsciente. A maioria das situações de conflitos podem ser resultantes de situações que envolve interesses voltados a algo possessivo. As diferenças, na maioria dos casos, não são entendidas como oportunidades de evoluir e acabam sendo usadas de modo destrutivo. Assim, a diferença que leva a um conflito por interesse é percebida como espírito de guerra.

Os conflitos ocorrem mediante fatos em que dois grupos possuem o mesmo interesse por algo e nenhuma das duas partes tende a ceder. Para Hampton (1991): “conflito é o processo que começa quando uma parte percebe que a outra parte frustrou ou vai frustrar seus interesses”. Os conflitos podem ocorrer entre duas pessoas, entre duas famílias ou entre dois grupos distintos e podem ter um efeito positivo, mas na maioria das vezes o sentido de destruição é superior ao de construção.

A falta de comunicação, somada à dificuldade para resolver problemas entre dois grupos de pessoas são fatores que proporcionam levá-los a conflitos. Os primeiros desentendimentos entre ambos já estimulam alguns fatores como o ódio e o pensamento de destruir, proporcionando as chamadas intrigas.

Intrigas são comportamentos entre duas pessoas ou dois grupos de pessoas que inicialmente provoca a falta de comunicação através de termos desagradáveis e desrespeitosos. Geralmente quando duas pessoas ou grupos de pessoas "intrigados" se encontram, a possibilidade de ocorrer um conflito é elevada.

A intriga é uma briga em latência, a tensão e, digamos, uma predisposição que define a relação entre as partes... A intriga é a relação nascida de um conflito, intrinsecamente infinita, estabelecida entre partes tendencialmente iguais nos planos de hierarquia social e moral, que se expressa fundamentalmente através de códigos territoriais e verbais (MARQUES, 2002, p.80,81).

As intrigas entre grupos familiares costumam ultrapassar gerações visto que ambas as partes possuem linhas de pensamento próprio e diferentes entre si. No distrito de Santa Fé desde a época dos conflitos, as famílias envolvidas nunca mais se uniram.

Os conflitos ocorridos em Santa Fé no período de 1870-1900 ficaram marcados pela busca por poder, mais precisamente pela posse de terras e outros fatores relacionados a isso, visto que ambas as famílias envolvidas eram proprietárias de grande parte da extensão territorial da região e por interesses particulares se tornaram rivais. Pretendendo sempre se tornarem memoráveis através do poder sobre a região, essas famílias frequentemente entravam em conflitos.

A busca pelo domínio econômico e político numa comunidade leva indivíduos a recorrer-se a disputas por poder e com isso se submeter a conflitos diante de outros que também possui essa linha de pensamento e ocupam o mesmo espaço.

Conflitos decorrem da convivência social do homem com suas contradições. Eles podem ser divididos em quatro espécies que, de regra incidem cumulativamente a saber: a) conflitos de valores (diferenças na moral, na ideologia, na religião); b) conflitos de informação (informação distorcida, conotação negativa); c) conflitos estruturais (diferenças nas circunstâncias políticas, econômicas, dos envolvidos); e d) conflitos de interesses (contradições na reivindicação de bens e direitos de interesse comum) (VASCONCELOS, 2008, p.21)

É neste entendimento que situamos a ocorrência de violência naquela época no distrito de Santa Fé. Assim como a violência física era um recurso utilizado em conflitos interpessoais nas disputas pela posse e poder, o uso de armas pelos cidadãos era algo comum na região e para aqueles que almejavam conquistar seus interesses através de atos violentos, esse uso se tornava um fator ainda mais destruidor. A percepção egocêntrica de cada família tornava grandes diferenças no contexto relacional e esse pensamento individualista tornavam-se as bases dos conflitos. O individualismo na maioria das situações gera conflitos, assim como vale a reciprocidade, isto é, na maioria dos casos, distancia o ser humano da racionalidade, direcionando-o para uma modificação brusca em seus estados emocionais e isso comprometem a compreensão dos fatos a serem analisados e discutidos. Em grande parte das situações, as pessoas submetendo-se aos interesses pelo poder, adotam comportamentos elevados e se transformam em agressores, se posicionando em prontidão para o enfrentamento do inimigo.

No distrito Santa Fé não era diferente de muitas outras regiões, o interesse por posse e poder não se restringia a disputa entre as pessoas. A busca pela conquista de terras, assim como outros interesses também se concentravam entre grupos familiares.

Ocorreram naquela localidade por um vasto tempo, acentuando-se um marco no que chamamos de briga entre famílias. Para Marques (2002), “as brigas de famílias sertanejas

envolvem valores morais, possuem relação com a política, com a organização do parentesco, com certas formas de criminalidade”.

Salienta-se que os conflitos repetidamente possuem caráter negativo e destrutivo, desde que seja útil para romper o equilíbrio da rotina e objetivar interesses da minoria quando dentro de suas razões sociais e que não estejam sendo contribuídas com isso.

Vale enfatizar que os principais motivos pelos quais geram conflitos se baseiam em interesses individuais ou em defesa de uma minoria. Essa ideologia foi relacionada a história política por um longo período buscando privilegiar um grupo separadamente.

Durante muito tempo censurou-se a história política por só se interessar pelas minorias privilegiadas e esquecer o povo, as multidões, as massas, o grande número. Talvez fosse uma censura justificada na época em que os historiadores políticos se acantonavam na biografia dos notáveis (REMOND, 1996, p.33)

Segundo o autor, os interesses por novas experiências da sociedade são contemplados nas abordagens do campo da chamada nova história política, cujo enfoque se desloca para os comuns, para o cotidiano do povo. Esse enfoque nos leva a refletir sobre nosso objeto de estudo, cujas pessoas envolvidas compõem um quadro social familiar na comunidade.

1.2 FONTES HISTÓRICAS ORAIS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Inicialmente destacamos o que representa as fontes históricas para aqueles que desejam se aprofundar acerca de acontecimentos pretéritos e assim conseguir melhores condições de formular seus estudos. É significativo afirmar que as fontes históricas são fruto da atividade humana, que auxiliam os profissionais da área a reconstituir aquilo que se passou em determinado período da humanidade, pois fontes históricas são marcas.

Conforme Neves (2021)

As fontes históricas são os itens materiais e imateriais (ou seus vestígios) que são produzidos pela ação humana. As fontes históricas são fundamentais para que o historiador possa realizar o seu trabalho de investigação do passado humano. (NEVES, 2021, p.1)

Neste sentido, as fontes orais como itens imateriais são de suma importância para que possamos constatar a identidade de um povo, suas experiências de vida e assim realizar um trabalho de reconstituição de determinada época.

Assim, essa modalidade de fontes históricas possui a finalidade de resgatar a memória dos sujeitos sociais e transformar em verdadeiros produtos de conhecimento, retratando realidades e vivências de determinadas comunidades.

No que se diz respeito as fontes orais, Roberto (2009, p.1) destaca que:

A História Oral é considerada como fonte identitária de um povo, capaz de retratar as realidades, as vivências e os modos de vida de uma comunidade em cada tempo e nas suas mais variadas sociabilidades. Esse tipo de fonte não só permite a inserção do indivíduo, mas o resgata como sujeito no processo histórico produtor de histórias e feitos de seu tempo. (ROBERTO, 2009, p.1)

Diante disso, fica claro que os historiadores não consideram apenas fontes escritas como peças importantes para reconstituir o passado. Dessa forma, pinturas, esculturas, assim como memórias e lembranças dentre outras, representam ferramentas documentais consideráveis e importantes para o historiador.

Assim, vemos que as fontes orais ganham importância nos estudos históricos, pois considera-se as várias formas de atividades humanas como ferramentas para se compreender determinado período e as suas experiências e vivências diversas:

Os historiadores entendem atualmente que tudo que é produzido pelo ser humano pode ser considerado uma fonte histórica, portanto, não só o texto escrito deve ser entendido como tal. Assim, pinturas, esculturas, construções, fotos, vídeos e relatos orais também são úteis para o historiador. Fontes podem ser diretas, isto é, feitas por contemporâneos, ou indiretas, produzidas na consulta das fontes diretas. (NEVES, 2021, p.1)

Sabe-se que o uso das fontes orais por meio da memória coletiva foi ganhando força entre os historiadores que ao longo do tempo começaram a perceber que todos os sujeitos precisam ter voz e são importantes para o desenvolvimento de uma sociedade.

Assim, a chamada história oficial baseada em documentos escritos de cunho político e governamental foram dando espaço a outras modalidades de retratar a história, a exemplo de depoimentos das experiências especialmente dos populares tão ausente da linguagem escrita da história.

A respeito deste contexto, Roberto (2009) afirma que:

O problema da verdade histórica é abordado a partir da Memória Coletiva como fonte alternativa de reconstrução do passado, proporcionando, no presente, vez e voz aos discriminados, oprimidos, menosprezados e ofuscados pelo discurso do poder. Com efeito, esse tipo de discurso fora utilizado durante muito tempo pela

historiografia tradicional, que priorizava a História Oficial ou vista de cima, com base em documentos escritos de cunho político governamental selecionados tendenciosamente como única fonte credora de confiabilidade. (ROBERTO, 2009, p.1)

É importante salientar que a história oral conquistou seu espaço nos anos 1970, como uma nova forma de analisar a história nos meios acadêmicos, assim com o decorrer do tempo vem ganhando cada vez mais importância no processo de apuração dos fatos.

Roberto (2009, p.1) nos aponta que a utilização das fontes orais representa um fenômeno metodológico e político visando assim uma alternativa em detrimento as formas tradicionais de compreender o passado.

Assim também conforme Hall, (1991)

A história oral estourou nos meios acadêmicos na década de 1970 como um novo fenômeno metodológico e político. Com uma certa frequência, se ouviu informações de como a história oral seria uma contra-história – não um elemento ou instrumento que poderia tornar possível uma contra-história, mas o próprio objeto pronto. Hoje em dia, somos todos um pouco menos ingênuos, me parece, e reconhecemos que a história oral está longe de ser uma história espontânea, não é a experiência vivida em estudo puro, e que os relatos produzidos pela história oral devem estar sujeitos ao mesmo trabalho crítico de outras fontes que os historiadores costumem consultar (HALL, 1991, p. 157).

Dessa forma, a história oral há mais de cinquenta anos vem conquistando sua importância nos meios acadêmicos, uma vez que fornece elementos importantes na busca da apuração dos contextos vividos pela sociedade, logo as informações fornecidas por esses meios precisam ter o mesmo viés crítico que outras modalidades sempre receberam pelos pesquisadores.

Para Ianni (2002), é importante valorizar o processo de apuração de fatos históricos por meios das fontes orais, na visão da autora, valores tradicionais precisam ser repensados pelo historiador. Ainda conforme Ianni, costumes tradicionais a exemplo da oralidade representam uma forma de contraponto as maneiras tradicionais de se compreender a humanidade.

Assim, de acordo com a autora:

Mais do que nunca é necessário realçar a importância da memória como resgate de identificação de um povo soberano. O processo hegemônico do binômio globalização/neoliberalismo e sua meta de transformar o mundo numa aldeia global, além de ter trazido consigo problemas globais sérios, impossíveis de resolução, como a cura da AIDS e da Violência Organizada, prima pela perda da identidade dos Estados Nacionais. O resgate oportuno de valores ético-morais, costumes e tradições

próprias de uma nação, deve ser meta prioritária na atual sociedade de massa, ávida pelo consumismo, volátil e direcionada pela efemeridade (IANNI, 2002).

Diante do exposto, compreende-se a importância das fontes orais para a reconstituição do passado, logo a ausência desta fonte histórica pode limitar o trabalho do profissional que deseja entender as formas de comportamento da humanidade em determinado período como o caso deste estudo que trata sobre os conflitos entre famílias, muitos desses carregados de violências diversas desde agressões físicas e violências morais até violências materializadas.

Por muito tempo o conceito de violência está presente no cotidiano da humanidade, logo a utilização de força entre os indivíduos ocorre em muitas sociedades pelo mundo.

De acordo com Modena (1992), o termo violência representa:

O termo deriva do latim *violentia*, ou seja, força ou vigor contra qualquer coisa ou ente. Dessa forma, violência é o uso da força que resulta ferimentos, tortura ou morte, ou o uso de palavras ou ações que machucam as pessoas ou, ainda, abuso do poder. (MODENA, 1992, p.10)

No decorrer do tempo, foi-se constatado que a violência se tornou uma constante na história da humanidade e que ao longo dos séculos presenciou-se conflitos entre grupos dos mais variados na sociedade, desde grupos familiares até outros sem nenhum vínculo familiar, motivados pelos mais variados interesses.

A violência é característica do animal humano, faz parte dele, provém do instinto. Porém, após o longo processo de civilização do ser humano, conseguimos atenuar o nível de violência do homem, classificando-o como civilizado. (MODENA, 1992, p.10)

Desse modo, a violência representa um sentimento que traz desconforto ao ser humano, podendo ter inúmeros significados resultando terror e medo como sentimentos entre as pessoas de determinada sociedade.

O termo violência é uma palavra que se escuta, se vê, se sente por todos os lados. Em casa, na rua, na televisão, nos jornais, na internet, nos vídeo games. Uma palavra de uso muito comum, mas que não deixa de ser algo que aterroriza e destrói. Apesar de parecer um conceito concreto a violência tem um caráter bastante abstrato. Isso acontece porque pode aceitar diferentes realizações e despertar debates sobre sua necessidade ou não, e as opiniões diferem de acordo com cada ponto de vista. Segundo os dicionários a violência é um comportamento deliberado que repercute ou pode repercutir em danos físicos ou psicológicos a outros seres humanos ou a animais ou a coisas. (MODENA, 1992, p.10)

Compreendido os conceitos acerca de violência por meio de breves apontamentos, nos interessa mais particularmente perceber os níveis de violência dos conflitos entre grupos familiares presente na região Nordeste. Os principais motivos pelos quais ocorreram as brigas familiares na região Nordeste no decorrer dos séculos se constituem em conflitos na maioria das vezes devido à questão de terras, manutenção de fontes de água, poder político, ou por desentendimentos entre os líderes dos grupos sociais e também grupos políticos. Assim, por diversas oportunidades, famílias rivalizavam com questões de suma importância para comunidades nordestinas, que normalmente eram desassistidas pelo poder central, oriundo do Estado.

Nesta ótica de Assunção (2017)

No Nordeste, chamam-se questão ou guerras de parentelas e se faziam em brigas por terras, aguadas (cursos de água), poder político ou em razão de desfeitas de um líder a outro. "Nessas regiões, o Estado não estava presente. São áreas distantes, de difícil acesso. O poder estatal (colonial, imperial ou republicano) só aparece em momentos de crise. O poder central e suas instituições são vistos como algo externo àquelas comunidades", afirma o historiador Marco Antonio Villa, da Universidade Federal de São Carlos (Ufscar). (ASSUNÇÃO, 2017, p.1)

Um conflito que foi marcante no sertão de Pernambuco por destacar rixas familiares aconteceu entre as famílias Alencares e Sampaio ambas pernambucanas, que em meados do século XX tiveram conflitos que ultrapassaram as fronteiras do estado. Assim é importante frisar que estes conflitos são marcados por violência e terror entre a população que vivencia as brigas.

Pernambuco é, talvez, o estado onde mais houve lutas de famílias. E a mais famosa só terminou recentemente, em 1981, e opôs os Alencares aos Sampaio e Saraivas, em Exu, na fronteira entre o Ceará e o Piauí. Iniciada em 1949, quando José Aires de Alencar, o Zito, matou Romão Sampaio Filho, o coronel Romãozinho, depois de uma discussão banal, a contenda entre os ricos grupos levou a 33 mortes de ambos os lados. Houve vítimas no Recife e no Rio de Janeiro, numa demonstração de que a rixa não tinha fronteiras. A pedido do rei do baião Luiz Gonzaga, parente distante dos Alencares, o então vice-presidente da República, Aureliano Chaves, acionou o governador, Marco Maciel, que mandou desarmar os representantes de cada lado uma semana depois do apelo. (ASSUNÇÃO, 2017, p.1)

Maia (2006), afirma que os resultados entre as brigas familiares nordestinas terminam geralmente por extermínios entre eles ou nos melhores casos pela assinatura de tratados de

paz. Entre os Sampaio e os Alencares ocorreram por meio da intervenção do cantor Luiz Gonzaga nos anos 1980.

As lutas de famílias costumam terminar de três maneiras: ou pelo extermínio de um dos grupos em luta, ou pela assinatura de um tratado de paz entre as facções beligerantes, ou, decorrido o tempo, quando ambas as partes se convencem da inutilidade da luta e decidem não mais prosseguir com as vinganças. No Brasil, poucos foram os casos de tratados de paz assinados, como na luta entre Pires e Camargos, no século XVII, na Capitania de São Vicente (atual Estado de São Paulo). Na década de 70 do Século XX, podemos citar os conflitos entre os Sampaio e os Alencares, em Exu, no Estado de Pernambuco, que durou anos e anos, cujo pacto de paz foi selado pelo cantor e compositor Luiz Gonzaga. (MAIA, 2006, p.2)

Ainda conforme Maia (2006, p.2), conflitos geram um contexto de medo, violência e muitas vezes o sentimento de impunidade em determinada sociedade. Logo, é de suma importância para a pesquisa adentrar neste viés da história para que possa obter conclusões e refletir acerca dos fatos a partir das consultas as fontes adotadas.

1.3 PRIMEIRAS IMPRESSÕES ACERCA DAS ORIGENS DE MONTE HOREBE-PB E CONFLITOS ENTRE FAMÍLIAS

O município de Monte Horebe-PB possui origens históricas na segunda metade do século XIX, através das experiências de vida na antiga Santa Fé, hoje distrito de Monte Horebe –PB que possuía um comércio de especiarias, carne bovina e outros produtos. Ali, importantes grupos familiares detinham influência sobre aquela sociedade que se formava, seja por meio de viés econômico ou político. Desse modo, é interessante frisar que Monte Horebe é considerado um município jovem se comparado a outras localidades presentes no sertão paraibano. Assim conforme Dias (2011, p.20), “Monte Horebe-PB, mesmo sendo uma cidade ainda jovem, comparada às situadas na circunvizinhança a exemplo de Cajazeiras-PB e São José de Piranhas-PB, tem suas origens no século XIX, em meados de 1850 na Antiga Santa Fé”.

O antigo vilarejo Santa Fé que pertencia ao município de Sousa-PB até o ano de 1863 quando passou a integrar-se à Cajazeiras-PB e em 1885 quando integrou-se a São José de Piranhas - PB foi destaque e reconhecida em toda uma vasta região pois possuía um caráter comercial muito forte que chamava a atenção de comerciantes de outras localidades, situadas

ou não na Paraíba. [...] “Havia, portanto nessa terra muita prosperidade. Imagine o senhor que abatiam para feira, de quinze a vinte bois e consumiam tudo.” (LIMA,1977, p. 133)

A partir das palavras de Lima (1977), podemos compreender que a antiga Santa Fé - Monte Horebe - PB detinha considerável importância comercial no Século XIX, pois havia fartura de alimentos, assim como na produção da carne bovina que tinha grande procura dentro e fora de seus limites territoriais, a exemplo da venda para cidades vizinhas, tais como Cajazeiras, São José de Piranhas e estados como Ceará e Pernambuco.

O professor Manoel Messias (2022) reforça essas informações quando afirma que a principal atividade econômica na antiga Santa Fé era a criação do gado. O gado foi o grande responsável pela colonização do interior não só das cidades São José de Piranhas-PB, Monte Horebe-PB e Bonito de Santa Fé-PB, mas, de toda a região Nordeste. Relata em entrevista Manoel Messias.

O gado veio na frente, o homem tangeu o boi e o boi puxou o homem, localizando, formando as fazendas, caba chegava só ou com a família e fazia um curral, fazia um rancho, esse rancho posteriormente se transformava numa casa, numa fazenda e muitas dessas fazendas se tornavam um povoado e cidade posteriormente (Entrevista concedida pelo professor Messias Ferreira de Lima)

Uma das figuras históricas que contribuíram para o desenvolvimento econômico de Santa Fé - Monte Horebe - PB na sua fase embrionária por volta de 1859, de acordo com (DIAS, 2011, p.20), foi o padre Manoel Lins de Albuquerque que participou da formação do povoado, fazendo a doação de dez mil réis para compra de um terreno para a construção do patrimônio de Nossa Senhora da Conceição. A doação foi realizada para desenvolver ainda mais aquela região e foi realizada para o Procurador Felipe Leite de Araújo, em decorrência deste ato foi construída uma igreja em Santa Fé.

Havia ali um grande comércio, onde se vendiam produtos de mercearia de várias espécies, desde produtos alimentícios a produtos tais como tecidos e especiarias, trazidos de comerciantes oriundos de outros estados, a exemplo do Rio Grande do Norte, Ceará e cidades paraibanas vizinhas. (DIAS, 2011, p.20)

Assim, vários comerciantes obtiveram destaque perante a sociedade, pois tudo aquilo que se vendia era comprado pela população de Santa Fé e regiões vizinhas, ou seja, à medida que o comércio se desenvolvia, famílias obtinham poder econômico e se destacavam perante as demais famílias desfavorecidas da comunidade, ou seja, os trabalhadores comuns, os populares ou sem posses. De acordo com (DIAS, 2011, p.20), segundo os relatos históricos e

fontes orais, o atual distrito de Santa Fé era uma grande vila próspera economicamente, visto que alcançou um movimento comercial comprando as grandes cidades da época.

No seio dessa vida comercial e controle do poder econômico se situam os conflitos envolvendo grupos familiares no antigo vilarejo Santa Fé, situação que foi entendida como prejudicial para o desenvolvimento da região como um castigo, uma maldição. Voltaremos a falar sobre estas questões na sequência deste estudo.

1.4 OS PRIMEIROS CONFLITOS SOBRE O POVOADO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Relatos dão conta que o desenvolvimento comercial da região que compreende os atuais municípios de Cajazeiras, São José de Piranhas na Paraíba, além de outros municípios dos estados do Ceará e Pernambuco que eram referência para outras localidades da época se sentiram ameaçados por verem como Santa Fé idos de 1860, enquanto comarca de Cajazeiras - PB estava crescendo rapidamente. Esse sentimento de ameaça foi um dos motivos para que brigas ou conflitos familiares entre Barbosas e Viriatos ocorressem no fim do século XIX e início do XX.

Os relatos orais coletados dão conta que muitos conflitos entre as primeiras famílias de boa influência comercial ocorreram nas feiras, instalando e propagando um clima de insegurança entre os moradores que ali habitavam.

Conforme Dias (2011), os conflitos entre os grupos familiares traziam um verdadeiro sentimento de terror as pessoas, pois aqueles nichos eram considerados muito “valentes” e proporcionavam um sentimento de desconforto aos moradores de Santa Fé-PB, localidade proveniente de um grande potencial no setor comercial.

Um dos motivos pelos quais se perdeu a paz naquela vila, deveu-se as brigas e desavenças entre as famílias Barbosa e Viriato, ambas dada as famas de valentes e perigosas, razão pela qual Santa Fé, se tornou uma praça de guerra. (DIAS, 2011, p.22).

Assim, os conflitos ocorriam nos dias de feira e deixavam as pessoas com medo que algo pudesse acontecer com elas. A família Viriato tinha uma má reputação, pois relatos orais dão conta de que era muito violenta, tinham origem no estado vizinho do Ceará e sobre eles recaía uma imagem negativa. Questões como esta, recorrente na memória coletiva dos moradores da cidade de Monte Horebe - PB, onde situa-se o distrito de Santa Fé atualmente,

nos motivou ao estudo desses conflitos familiares, agora sob a perspectiva da história oral e com ela e o registro histórico das lembranças e das histórias desses conflitos.

Em decorrência deste viés metodológico, é significativo destacar que dentro dos “Novos Domínios da História” falar nestas renovações na disciplina e no método da história é quase que impossível escapar das influências promovidas pelo movimento dos *Annales* (1929) por ser um marco da constituição de uma Nova História, que proporcionou o distanciamento de análises puramente idealistas e metódicas que foram influenciadas pelos pensamentos Hankianos, e que aproximou-se de uma observação mais crítica. É o surgimento da história problema que é interdisciplinar e aproxima-se das demais ciências sociais. Ferreira (1992) também expressa no seu ensaio “A nova ‘velha história’ o retorno da história política”, a importância que os *Annales* trouxeram para o declínio da prestigiosa história política praticada no século XIX.

Depois de ter desfrutado de um amplo prestígio durante todo o século XIX, a história política entrou em processo de declínio. A fundação da revista *Annales* em 1929 na França e a criação da VI Seção da *École Pratique des Hautes Études*, tendo como presidente Lucien Febvre, em 1948, iriam dar impulso a um profundo movimento de transformação no campo do conhecimento histórico (FERREIRA, 1992 p. 295).

Situados do ponto de vista teórico e metodológico, buscaremos no próximo capítulo identificar as relações de poder que predominavam no final do século XIX e início do século XX em Santa Fé – Monte Horebe – PB e que se constituíram com elementos que explicam esse clima de conflito e violência que provocaram o declínio da região.

Acerca desta ótica, é necessário destacar que a temática abordada neste estudo possui um viés ancorado na nova história política, assim é preciso destacar a compreensão de um todo social que é uma ferramenta essencial na percepção da construção histórica.

[...] Por uma história política, que é agora oferecido ao público brasileiro, tem como objetivo central fazer a defesa da história política, ressaltando sua importância para a compreensão do todo social, mas apontando também os caminhos já percorridos, e a percorrer, para a sua renovação (RÉMOND, 2003, p.5).

Neste sentido, um conjunto de elementos ficou de fora em detrimento de outros privilegiados. O homem comum e as camadas mais inferiores foram excluídos da história política tradicional, “era, pois provavelmente inevitável que o desenvolvimento da história econômica ou social se fizesse às custas do declínio da história dos fatos políticos, daí em

diante lançada num descrédito aparentemente definitivo. A emergência da Nova História política, a mesma que a destrona, irá resgata-los”. (RÉMOND, 2003, p.16).

Diante disso, a Nova História surge possibilitando novas abordagens aos fatos políticos, se opondo a uma história total que enxergam o estado como fonte exclusiva para sua produção de conhecimento. Podemos dizer que os olhares estavam voltados ao estado, suas organizações e as suas ações devido seu caráter de legitimidade que carrega va tais instituições de governo, como também a necessidade de produzir uma história verdade. Nesse trabalho, usamos essencialmente as fontes orais para analisar as vivências e memórias dos indivíduos entrevistados, e assim conclui-se que nosso estudo sobre conflitos familiares e disputas de poder se enquadra no podemos chamar de nova história política, ressaltando sua importância para a compreensão do todo social.

CAPÍTULO 2 - SANTA FÉ-MONTE HOREBE-PB: CONFIGURAÇÃO DE ESPAÇO DE MEMÓRIAS DE CRISES SOCIAIS E CONFLITOS FAMILIARES

Esse capítulo tem como objetivo abordar a partir da literatura historiográfica e das fontes orais a configuração do espaço inicial e as transições geográficas de Santa Fé no decorrer do tempo, sobre um tempo alegado como de desenvolvimento econômico, os conflitos e o declínio ocorridos naquela localidade e por fim, sobre as contribuições dos padres Ibiapina e Manoel Lins.

Assim, por meio de um debate com a literatura historiográfica iremos também constituir uma discussão sobre a história local na perspectiva da Nova História, para compreender a configuração dos espaços locais constituídos por interesses, com o intuito de fugir da linha da história tradicional das genealogias familiares.

Neste sentido pensamos a partir do entendimento de Foucault (1979, p.15), para quem a genealogia representa um trabalho documentário ancorado nas singularidades dos acontecimentos registrados em fontes que por muitas vezes passaram por alteração.

A genealogia é cinza; ela é pacientemente documentária. Ela trabalha com pergaminhos embaralhados, riscados, várias vezes reescritos. Daí, para a genealogia, um indispensável demorar-se: marcar as singularidades dos acontecimentos, longe de toda finalidade monótona; espreitá-los lá onde menos se os esperava e naquilo que é tido como não possuindo história — os sentimentos, o amor, a consciência, os instintos. (FOUCAULT, 1979, p. 15)

Em contrapartida, a história local na perspectiva da nova história, tem a finalidade de passar para o pesquisador o contexto vivenciado na vida cotidiana da sociedade, a exemplo do espaço familiar problematizando-o. Interpretação que vem ganhando força nos meios acadêmicos como afirma Viana (2016, p.21).

Um dos princípios constitutivos da história local é possibilitar um olhar indagador sobre o mundo do qual fazemos parte, no intuito de sabermos mais sobre o sentido das coisas. Tanto como conteúdo, quanto como recurso didático, a temática da dimensão local na construção do conhecimento histórico contribui para o desenvolvimento de uma postura investigativa que começa a ser construída no espaço familiar e vai-se ampliando aos poucos. O ponto de partida desse tipo de história são as próprias histórias que integram o nosso cotidiano. (VIANA, 2016, p. 21)

É importante frisar que por muito tempo a história local ficou resumida à história dos grandes homens, contudo esse contexto foi sendo modificado, pois os estudos envolvendo as

histórias dos municípios ligadas a pessoas vinculadas ao comércio relatam espaço de poder que foram sendo ampliados, e isso foge da história das origens.

Pequenos núcleos urbanos também produzem histórias, sejam elas enaltecidas ou pouco conhecidas. O município Monte Horebe – PB, localizado a 533 km da capital João Pessoa possui vegetação arbustiva e uma altitude de 720m, abriga o distrito de Santa Fé, objeto desse estudo e pela qual a história é desconhecida por muitos. De acordo com o censo do IBGE-2010 a população de Monte Horebe totaliza 4.508 habitantes e é composta por 48 ruas, enquanto que o distrito de Santa Fé tem 200 habitantes em apenas 02 ruas (OLIVEIRA, 2018, p. 20).

Desse modo, na linha de estudo sobre história local, vamos nos aprofundar na importância do quanto as disputas comerciais entre famílias foram responsáveis pelo lembrado declínio de Santa Fé.

2.1 SANTA FÉ-MONTE HOREBE-PB: A VIDA NO ESPAÇO INICIAL DOS CONFLITOS FAMILIARES

Santa Fé – Monte Horebe - PB como espaço inicial de vida no território que mais tarde se tornaria distrito, teve seu processo de povoação em meados do século XIX. De acordo com Dias (2011), não era considerada uma região adequada para o povoamento já que possuía um terreno irregular e escabroso.

Assim, sua história foi marcada por conflitos entre grupos familiares que se constituíram nesse espaço que teve como primeiro nome Bongá, termo sem origem definida.

A povoação de Santa Fé teve início nos anos cinquenta do Século XIX, localizado a margem esquerda do Rio Piranhas, no Sopé da Serra do Bongá, não era um lugar adequado para a expansão urbana uma vez que o terreno era acidentado e pedregoso. O seu curto período de existência foi confuso, tortuoso e violento, a começar por seu primitivo nome Bongá, não se sabe sua origem se é africana ou indígena. (LIMA, 2010, p.71)

Logo, com origem africana ou indígena o que se pode supor é que Bongá como termo de uma ou outra origem, nos faz pensar que era sobretudo espaço dos povos subordinados que foram subjugados como outros sujeitos estudados na história de nosso país. [...] A construção do saber sobre povos historicamente marginalizados tem, ela mesma, suas problemáticas. Inicialmente o conhecimento formal foi utilizado para produzir falsas narrativas de grupos

como indígenas e afrodescendentes, que legitimaram genocídios e séculos de exploração. (COSTA, 2018, p.1)

Enquanto território, Santa Fé passou por várias modificações político-administrativas, principalmente quanto a sua vinculação política, pois chegou a fazer parte dos municípios de Sousa, Cajazeiras e São José de Piranhas.

O primeiro nome de Santa Fé era Bongá, acreditando que essa denominação viesse dos Quilombos, negros da África vindos para aqui como os primeiros proprietários ou requerentes, porém o referido nome já havia dado pelos gentios a toda essa serra, que mais tarde, passou a ser a invejável zona do Distrito de Santa Fé. (LIMA, 2010, p. 71)

Ainda de acordo com Lima (2010, p.71), em suas origens a antiga Santa Fé - Monte Horebe - PB pertenceu a grupos indígenas dos Cariri e Tarairus, além de negros vindos da África. Estes grupos formavam quilombos. Contudo, ao longo do tempo a região foi tomada pelo homem branco e colonizada, o que já caracterizaria um conflito. As terras passaram a pertencer à família Arruda Câmara, posteriormente venderam a Manoel José e Francisco Soares que deram início à colonização do local através da atividade agrícola.

Desse modo, uma leitura da literatura existente sobre formação social local se mostra mais geral através de um relato sequenciado de momentos que indicam, embora sem questionamentos, as transformações ocorridas em uma determinada sociedade. Neste aspecto, entendemos de forma mais generalizada o quanto Santa Fé teve uma história intensa, marcada por progresso e ao mesmo tempo por disputas de poder caracterizadas por violência.

É importante lembrar que, inicialmente Santa Fé fazia parte da administração política de Sousa, contudo em 1863 passou a integrar o município de Cajazeiras, entretanto, vinte e dois anos depois subordinou-se a São José de Piranhas. Em 1895, já em declínio, passa a pertencer a um povoado de nome Bonito que em 1939 se tornou independente e passou a se chamar Bonito de Santa Fé.

Inicialmente seu território pertencia a Sousa, em 1863 passou a fazer parte do município de Cajazeiras, em 1885 subordina-se a São José de Piranhas, com sua decadência e destruição surge a povoação de Bonito que leva o distrito em 1895, denominando-se Bonito de Santa Fé, tornando-se independente em 1939. Monte Horebe que era distrito de Bonito de Santa Fé, tornou-se independente em 1961, hoje Santa Fé pertence a esta comarca. (LIMA, 2010, p. 71)

Santa Fé - Monte Horebe - PB em meados do século XIX, possuía um importante comércio na região do sertão paraibano compreendendo as localidades de Sousa, Cajazeiras e São José de Piranhas que atraía muitos indivíduos para venda e compra.

Além do perfil comercial de Santa Fé, o setor agrícola e de criação de gado também eram importantes fontes de renda que movimentavam a economia naquele setor, contudo, não representou um período muito longo. De acordo com Lima (2010)

Era incontestável o progresso comercial de Santa Fé, pois tinha uma importante praça comercial, assim como uma agricultura que se destacava, além da criação de gado, contudo foi um momento passageiro desta região. O progresso de Santa Fé prejudicou, o comércio de São José de Piranhas, contudo, esse período de euforia foi um período passageiro não ficando pedra sobre pedra de catargo sertaneja. (LIMA, 2010, p. 74)

O comércio de Santa Fé - Monte Horebe - PB alcançou um status tão importante naquele período que importantes núcleos familiares do Recife-PE tiveram seu interesse despertado. Assim, grupos familiares com interesse em ampliar seus negócios se estabeleceram em Santa Fé e constituíram seus negócios (comércio de especiaria, tecidos e carnes) naquela região. (LIMA, 2010, p.74). Essas famílias foram responsáveis pelo processo de expansão e povoação naquele período, todas atraídas pelo perfil comercial de Santa Fé, que infelizmente não teve um período longo na história.

O comércio de Santa Fé atraiu comerciantes do Recife e de Mossoró, assim, além das famílias Ferreira de Freitas, Leite de Araújo, Verdegé e Barbosa justamente as já radicadas ingressaram ali Lins, Guimarães, Sá, Ramalho entre outras, todas elas contribuindo para o núcleo de povoação. (LIMA, 2010, p. 75)

Contudo, devido a problemas relacionados à violência oriundos de brigas entre grupos familiares, consumo de álcool e jogatina, além de rompimento com figuras religiosas importantes como o Padre Manoel Lins, Santa Fé foi perdendo sua importância no cenário sertanejo. Podemos elencar alguns motivos para seu declínio, entre eles como já mencionado, brigas entre núcleos familiares, conflitos devido a consumo de álcool e o vício em jogos de azar por parte destas pessoas.

Na década de 1860, a localidade viveu tempos de desenvolvimento comercial, mas que posteriormente devido a violentos conflitos entre grupos familiares envolvendo questões políticas e até mesmo religiosas, perdeu seu espaço.

Além disso, a população passou por inúmeras dificuldades em consequência de uma crise hídrica na região provocada pela grande seca registrada entre os anos de 1877 a 1879, fator primordial de desgaste neste contexto. Acompanhemos o que sobre essa questão diz o escritor Lima (2010):

Dente vários motivos para a destruição de Santa Fé, um deles foram as lutas envolvendo a família Barbosa, onde somente escapou com vida o Major Inácio Barbosa Lira que veio a São José de Piranhas, contrário a um grupo de cangaceiros. Os Viriato, cangaceiros, do cariri Cearense, e assim o povoado converteu-se em uma praça de guerra, adicionados a jogatinas e bebedeiras. Outro fato negativo para a decadência de Santa Fé foi a grande seca de 1877 e 1879, momento que muitas famílias deixaram e não mais voltaram com a chegada das chuvas. (LIMA, 2010, p. 75)

Para entender quem eram essas famílias e seus interesses e compreender os conflitos que permeiam suas histórias de vida e de atuação, iniciamos falando dos dois religiosos e sua atuação nas alegações da população sobre a questão do declínio de Santa Fé. Segundo relatos teriam esses dois religiosos que apresentaremos a baixo envolvimento na questão.

2.2 PADRE IBIAPINA VIDA MISSIONARIA NA REGIÃO E EM SANTA FÉ – MONTE HOREBE – PB

Inserimos aqui, uma referência sobre o padre Ibiapina para situar uma das ideias que circulam na memória dos indivíduos entrevistados sobre ter sido esse padre quem teria amaldiçoado o distrito de Santa Fé, através de uma suposta "praga", conforme relata uma das nossas entrevistadas. *“O frei Ibiapina condenou santa fé, bateu a sandália dele uma na outra e disse que ela ia aumentar que nem correia de sola no fogo e ainda era de se cobrir de melão de são caetano, não se cobriu não, mas tá perto”* (Entrevista concedida pela Maria Lacerda Leite). Portanto, essa é uma questão que iremos analisar.

O Padre Ibiapina começou sua vida religiosa por volta dos cinquenta anos de idade, 47 para ser exato, contudo, com seu pensamento a frente de seu tempo contribuiu decisivamente para tomadas de decisão por patamares mais altos no Vaticano, além disso, foi uma das testemunhas mais importantes do período de declínio de Santa Fé.

Por meio da palavra de Deus, as pessoas conseguem obter a orientação necessária para que possam buscar melhores direcionamentos na sua vida. Nesta perspectiva, o padre Ibiapina ajudou muitas pessoas no sertão paraibano, conforme Silva, (2013, p.5), que ainda reforça que:

Ainda de acordo com essa teologia, Deus penetra o convertido levando-o a uma experiência pessoal e exclusiva, assim como a uma vivência íntima com aquele que lhe possibilitará dar um novo sentido à vida, porque provocará mudanças em sua relação com os que estão à sua volta e até mesmo de sua identidade. Para essa revelação e contato íntimo com Deus, não há necessidade de intermediários, pois ele e seu filho Jesus Cristo se tornaram presentes de forma real e ativa na vida do novo crente, mediante a intercessão do Espírito Santo. (SILVA, 2013, p.5)

De fato, sua forma de atuar como missionário itinerante a serviço dos mais pobres, fora dos padrões estabelecidos, fez com que não fosse bem visto pela estrutura eclesial da época. (JONAS, 2015, p.1)

Esses padres viajavam de cidade em cidade e se aproximavam dos povos para fazer caridade. Muitas vezes eram questionados sobre estas ações por seus superiores, provocando assim debates acerca da finalidade daquela ação. Logo, as estruturas superiores da Igreja da época criticavam esta situação, porém o Padre Ibiapina não cessou suas ações em prol dos pobres, conforme Jonas (2015, p.1).

Mesmo agindo com seus atos de caridade, o padre Ibiapina não teve um verdadeiro reconhecimento pelos seus feitos, contudo, não pode ser esquecido, pois, além de desenvolver suas funções religiosas, contribuiu para o desenvolvimento da região nordeste através de seu viés de interesse pelo social.

Há personagens a quem a história não reserva o lugar que merecem. O Padre José Antônio Maria Ibiapina pode ser considerado um dos grandes esquecidos da história brasileira. Sacerdote de vocação tardia, pois começou seu trabalho pastoral aos 47 anos, após ter desenvolvido seu trabalho no campo da magistratura, conseguiu se adiantar um século às ideias que, depois, seriam elementos fundamentais de reflexão no Concílio Vaticano II. (JONAS, 2015, p.1)

Desse modo, o trabalho do Padre Ibiapina caracterizado como social foi realizado com tanto destaque que serviu como exemplo para outro importante figura religiosa no nordeste brasileiro. Trata-se do Padre Cícero.

Ademais, teve participação no movimento de Canudos, liderado por Antônio Conselheiro, onde este foi desarticulado pelo governo brasileiro com a justificativa de que representava elementos comunistas na sua constituição.

O trabalho realizado pelo sacerdote brasileiro será continuado mais tarde pelo Padre Cícero Romão Batista, o “santo” de Juazeiro do Norte, de quem se diz que quis ser sacerdote, assim como Ibiapina, vendo como este auxiliava seu pai, enfermo de cólera, no momento de sua morte, e Antônio Conselheiro, que conseguiu construir, em Canudos, uma cidade autossustentável, onde ninguém passava necessidade,

numa época em que boa parte da população morria de fome, razão pela qual foi acusado de comunista pelo governo, que destruiu a cidade, matando os que ali viviam. (JONAS, 2015, p.1)

Observa-se o quanto o religioso desempenhou um importante papel político em sua época e ao desenvolver um trabalho de cunho social contribuiu para que seu povo sofresse menos com o problema de desigualdades sociais tão presente em nossa história.

Ainda conforme Lima (2010, p. 75), o Padre Ibiapina diferentemente do que a tradição oral relata não lançou qualquer “maldição” contra a região de Santa Fé.

Segundo a tradição oral, o padre Ibiapina teria lançado uma maldição sobre Santa Fé, mas não é verdade ele apenas confirmou predileções dos padres Manoel Lins e José Tomás. A terra da promessa confirmou-se com o surgimento dos povoados Bonito e Monte Horebe, independentes posteriormente. (LIMA, 2010, p. 74)

Assim, podemos afirmar que o religioso deixou marcas consideráveis na história do sertão paraibano com suas obras sociais, que ajudaram muitas pessoas desassistidas do poder público, que a partir do elemento religioso tiveram um alento em meio a tantas dificuldades.

Mas teria esse padre sido responsável pelo “amaldiçoamento” de Santa Fé? Acreditamos que não, pois segundo Lima, (1977) Ibiapina só teria tido uma passagem no povoado, quando este já se encontrava no início da decadência e com a sua população migrando para São José de Piranhas e adjacências. Mas como a memória social é construída e reelaborada vemos que a presença forte do padre na região foi aproveitada por alguns moradores de Santa Fé, mesmo que sem fundamento no real, para afirmar que foi o sacerdote que declamou essa asseveração de maldição. Uma vez já explicado sobre essa questão vejamos qual a participação do outro sacerdote na história da localidade.

2.3 PADRE MANOEL LINS DE ALBUQUERQUE: CONTRIBUIÇÕES PARA SANTA FÉ-MONTE HOREBE-PB

Diferente da memória do religioso Padre Ibiapina, o Padre Manoel Lins de Albuquerque teve um importante papel para o desenvolvimento de Santa Fé nos primeiros anos de sua história, uma vez que realizou uma generosa contribuição financeira para a região e a partir disso ganhou sua igreja e assim deu-se início a sua curta história de progresso como nos aponta (DIAS, 2011, p.21).

Por meio de sua influência, importantes grupos familiares tiveram o interesse em se instalar em Santa Fé e assim impulsionar o comércio daquela localidade. Contribuíram também com a povoação, os irmãos Felipe Leite Araújo e Agustinho Leite Araújo, sendo este último a doar uma de área de terra, a fim de ampliar o patrimônio, além de ser juiz de paz por um determinado período. Lima (2010) relata que o Padre Manoel Lins:

Além de prestar assistência religiosa aos santaferrerenses contribuiu com dinheiro para o patrimônio da padroeira, incentivou a vida de vários parentes aquinhoados para se instalarem em pujantes casas comerciais, principalmente no ramo de tecidos e miudezas que vinha do Recife pelo vale do Pagaéu passando pela cidade de Triunfo que era o centro de distribuição daquela época. (LIMA, 2010, p. 73)

É válido frisar que o crescimento de um povoado costumava ocorrer com a iniciativa de líderes que visavam prosperidade em uma determinada localidade e foi assim como ocorreu em Santa Fé. Observando a possibilidade de um crescimento da localidade, o religioso Manoel Lins de Albuquerque e Agustinho Leite de Araújo contribuíram para construção de uma igreja, onde almejavam um crescimento onde a paz pudesse reinar. Contribuindo também para o desenvolvimento econômico, embora não se sabe se por interesse próprio ou não, o religioso trouxe consigo vários parentes para comercializar naquele povoado. Após abrigado na localidade com um grandioso comércio de tecidos e miudezas um desastre acontece com o sobrinho do padre Manoel Lins de Albuquerque, o comerciante e também subdelegado Saturnino Rodrigues, foi vítima da violência da localidade, sendo assassinado, motivo que colocou o padre em desconforto com a situação.

Essa situação inicial de atuação e colaboração dos religiosos tem contribuído para o progresso de muitos povoados ao longo da história, embora em algumas situações o desenvolvimento não perpassa por um longo período, e foi o que aconteceu em Santa Fé, pois as contribuições do padre Manoel Lins de Albuquerque foram fracassadas posteriormente com o assassinato do comerciante Saturnino Barreto seu parente próximo, momento que Santa Fé ficou abalada e assim o religioso com um sentimento de frustração decidiu deixar aquela povoação. Momento este que se inicia uma crise de insegurança de proporções significantes para a época.

Após o assassinato do comerciante Saturnino Barreto, ficou evidente que Santa Fé passava por um momento de terror e que as notícias dos acontecimentos ali ocorridos chegavam a outras localidades sertanejas. Diante do acontecido, o padre Manoel Lins, o qual era considerado patrono daquela região, ficou bastante descontente com o assassinato daquele

que era seu sobrinho e decidiu retornar ao seu estado de origem, o Ceará. “O crime pela sua crueldade produziu intensa repercussão no sertão paraibano, o Padre Manoel Lins, tido como benfeitor de Santa Fé, chocado com o assassinato de seu sobrinho, resolveu abandonar a povoação”. (DIAS, 2011. p.23)

A historiografia afirma que o padre Manoel Lins ficou tão triste com a situação, obviamente por ser seu parente a vítima de um crime bárbaro, decidiu “lançar uma maldição” para aquele povoado.

Conforme Dias (2011, p.23):

O padre ao sair de Santa Fé teria lançado sua maldição sobre a povoação que ajudou a fundar e crescer, a partir daquele momento Santa Fé começou a decair, perdendo sua importância como entreposto comercial e exterminando-se numa sequência ininterrupta de lutas (DIAS, 2011, p.23).

Já de acordo com Lima (2010), após a saída do religioso, Santa Fé mergulhou em um importante e lamentável processo de declínio, mesmo com tentativas de mudança de cenário implementados por outros religiosos da época. Desse modo:

Após a saída do Padre Manoel em estado de total decadência, o padre José Tomaz que assumiu a regência da Capela elaborou um plano para afastar Santa Fé do Caos, e ao chegar na véspera de um dia de festa tratou de organizar um leilão conseguindo no comércio uma porção de prendas. (LIMA, 2010, p. 74)

Assim, algumas estratégias foram elaboradas pelas autoridades religiosas para frear o caos daquela região. Contudo, não foi suficiente para solucionar aquela questão que envolvia brigas entre grupos familiares.

Portanto, a situação não foi contornada pelas autoridades da época. Visto da existência de um posto policial em Santa Fé, será que a polícia não deveria investigar os supostos culpados?

Em consequência destes fatos de notada violência e insegurança, muitas pessoas deixaram a região e poucas famílias optaram por permanecer em Santa Fé sabendo do contexto de insegurança na época. Dentre elas a família Sá Ramalho, também conhecida por Mariano de Sá, em que resistiram a decadência do povoado e permaneceram na localidade e adjacências e cuja descendência se espalhou pela Paraíba e pelo Brasil (LIMA, 2010, p. 74).

Atualmente Santa Fé é um distrito pertencente a Monte Horebe-PB com 50 casas residenciais, um posto de saúde, um posto telefônico, uma escola, um cemitério e uma capela. Seu povo tem muita história para ser contada tais como seu desenvolvimento comercial e

declínio por consequência de brigas familiares. Tudo isso registrado no final do século XIX e início do século XX. Sobre os investimentos sociais, o poder público pouca coisa tem feito na velha povoação do Bongá como bem notificado por Lima, (2010, p. 75).

Portanto, podemos dizer que há uma divergência entre a historiografia existente e as fontes orais, pois de acordo com Lima (2010) e Lima (1977), o padre Ibiapina não lançou qualquer tipo de maldição sobre o distrito e quem teria lançado tal maldição foi o padre Manoel Lins de Albuquerque pois, o padre Ibiapina só teria passado naquele distrito no início da sua decadência, ou seja não teria tido o padre Ibiapina qualquer motivo para amaldiçoar Santa Fé no entanto, nossos entrevistados dizem o contrário e afirmam que realmente foi o padre Ibiapina que o amaldiçoou. No entanto, podemos dizer ou imaginamos que essas fortes alegações de que teria sido o padre Ibiapina o responsável pela maldição se constitui em fragmentos de memória sobre a tão presente figura do padre Ibiapina na região. Tendo o padre Manoel Lins de Albuquerque mais razão para a provável ou falada maldição, já que seu sobrinho foi morto.

CAPÍTULO 3. HISTÓRIAS DE CONFLITOS E O PROCESSO DE DECADÊNCIA DE SANTA FÉ-MONTE HOREBE-PB

Estudar um objeto da nossa história demarca um sentido político e social importante. É assim como me apresento, e apresento esse estudo nesse capítulo condensado, pois parte da minha família desde 1954 faz parte do distrito de Santa Fé. Minha mãe nasceu aos arredores em um Sítio chamado Gravatá que fica a seis quilômetros do distrito, já o meu pai e sua família são naturais de Santa Fé, por consequência de casarem, fixaram moradia na localidade onde já se estabelecia a família do meu pai.

Por isso, desde que comecei a falar, andar e prestar atenção nas histórias, sempre ouvi dos meus pais e de vizinhos a história de Santa Fé. Falavam que no passado era uma localidade com comércio, venda e compras de cabeça de gado, que a venda de tecidos era grande, que a população da região se encontrava naquele setor para negociar e fazer suas compras, além de outros relatos sobre o passado que tinham vivenciado.

Também comentavam sobre o que se diziam ser uma inveja dos municípios de São José de Piranhas e Cajazeiras quanto da posse desse território de Santa Fé, razão que fez com que grandes conflitos acontecessem no distrito envolvendo famílias rivais disputando o poder. Como consequência desses conflitos falava-se que muitos de sua população saíram em busca de outra moradia com mais tranquilidade.

Conversando indiretamente com a população de Santa Fé também ouvimos falar do clima agradável daquela localidade, um frio gostoso, já que seus arredores são banhados por rios que não secam, e que facilitava também a permanência fazendo com que as pessoas ali fizessem morada fixa, questão também relatada em estudos:

O clima de Bongá era tão salutar que o português José Ferreira da Silva Guimarães, já procedente da cidade de Mossoró, a conselho do médico por estar sofrendo de uma afecção pulmonar, viera acompanhado da família habitar em Santa Fé, e o resultado é que com pouco tempo ficou curado. Com isso, o bonachão Casusa Marinheiro, como melhor ficou conhecido, se apegou a terra e procurou ampliar sua fortuna através da criação de gado em parceria com proprietários da região (LIMA, 1977 apud DIAS et al., 2011, p. 155)

Percebemos então o quanto o clima e a facilidade por água fizeram com que Santa Fé, Monte Horebe-PB atraísse pessoas de diversos lugares, por exemplo o senhor José Ferreira da Silva Guimarães, que veio de Mossoró para morar no distrito Santa Fé. Segundo relatos, ele tinha uma doença pulmonar, e a pedido do seu médico veio ao distrito acompanhado de sua família, e o resultado dessa vinda para a localidade foi a cura de sua doença. Por tamanha

graça, felicidade, e por ter achado o lugar bom para se morar, Marinheiro como assim ficou conhecido na região, acabou ampliando sua fortuna e investindo na criação de gado no distrito e, portanto, influenciado na dita época de prosperidade até os conflitos que resultaram na tão falada decadência como veremos.

Neste capítulo, iremos falar sobre esse tão falado processo de decadência de Santa Fé sob a ótica da literatura existente e por meio do trabalho com a história oral coletando informações ao entrevistar Francisca Leite de Moraes, Maria Lacerda Leite e Manoel Messias de Lima.

Assim, por meio da historiografia e entrevistas orais observamos foram muitos os fatores que contribuíram para o que a população fala e lembra sobre o que motivou a decadência de Santa Fé, sobretudo a partir e em função de uma violência constante nesta história registrada em meados do século XIX. Acompanhem os relatos do que podemos dizer em relação aos motivos que ocasionou o ápice dos conflitos.

Segundo a documentação que usamos, Santa Fé foi uma região promissora onde se tinha um potencial comercial importante, período onde pertencia a comarca de Cajazeiras - PB idos de 1865, mas brigas familiares e disputas políticas acabaram por destruir a localidade. O professor Messias em seu depoimento, relatou que algumas razões pelas quais ocasionou a destruição foram as brigas familiares, as questões envolvendo bebedeiras, jogatinas, além da oposição religiosa ao modo de vida de alguns membros daquele povoado. Outro momento auge desse clima de conflitos teria se dado quando o episódio do assassinato do tenente João Antônio de Couto Cartaxo ocorreu. Este acontecimento foi considerado marcante no agravamento dos conflitos.

O escritor Cartaxo (2015), afirma que o tenente João Antônio de Couto Cartaxo não foi assassinado por rivalidade entre os grupos políticos Liberais e Conservadores que brigavam pelo poder na época, mas reforça que a morte foi um dos elementos cruciais para a decadência de Santa Fé, pois provocou descontentamento entre grupos políticos na região do Sertão Paraibano.

Mas, no jornal (Jornal A Provincia,1876), explica de fato o que teria acontecido naquele dia 18 de agosto, a morte de João Antônio de Couto não teria acontecido por um envolvimento do mesmo com os partidos Liberais e Conservadores, mas a morte teria acontecido por consequência do destino, ou seja, ele estava no lugar e na hora errada. Aproximava-se a eleição de 18 de agosto de 1872, João Pires inimigo do doutor José Paulino de Figueiredo, influência legítima conservadora na Comarca de Sousa, da qual fazia parte Cajazeiras como termo, poucos dias antes da eleição vai a capital da província, onde

formalmente resiste a ordem dos chefes conservadores que o mandavam conciliar-se com o Dr José Paulino. Voltando contrariado por não ter recebido do governo o apoio que esperava, procura aliar-se com os liberais, em que estes o repelem e aceitam aliança dos demais conservadores. Isso aumentou a ira de João Pires que queria desprestigiar o Dr José Paulino para o governo.

Chegando a Cajazeiras João Torquato de Figueiredo, tenente de polícia na qualidade de delegado daquele termo e resolvido amigavelmente com Dr. José Paulino e sua intervenção não foi aceita pelos aliados ao entenderem que Torquato queria tomar uma decisão inapropriada nas eleições. Pelo conhecimento que tinham de seus péssimos precedentes, João Pires exalta com desgosto de Torquato que desaparece ocultamente no dia 17.

Já no dia 18, dia da eleição, por volta das 7 horas da manhã entram na vila de Cajazeiras João Pires e Torquato com 300 homens armados e cercam a matriz para a surpresa de todos. Apresentando uma posição hostil, João Pires a cavalo e no meio de capangas armados de bacamarte e punhais assusta a todos e o povo já sabendo da perversidade do mesmo, fizeram com que os habitantes da Vila, conservadores e liberais não aparecessem na eleição para evitar derramamento de sangue que estava eminente, já os moradores que viviam fora da Vila não foram avisados dessa invasão.

João Pires ordena seus capangas que sacam as armas e abrem os fuzis. Eram 10 horas do dia quando um grupo de homens a cavalo aparecem próximo a matriz. Ao deparar-se com o grupo de João Pires eles retornam, e quando deram as costas foram feridos por tiros, dois desses homens morrem em seguida. Dentre eles estavam João Antônio de Couto Cartaxo e o escravo de nome Ignácio. Ana Josefa de Jesus mãe de João Cartaxo denuncia as mortes.

João Pires com os demais processados retiraram-se para Santa Fé. Desse modo, João Pires converte o povoado em uma praça de armas para onde corriam criminosos até das províncias vizinhas. Portanto, os partidos Liberais e Conservadores eram rivais, mas não foi planejada a morte do Antônio Cartaxo, foi uma consequência.

A partir do que temos sobre o acontecimento entendemos que esse assassinato se faz presente na pesquisa pelo fato do suposto assassino João Pires ser do distrito Santa Fé-Monte Horebe-PB, e a partir desse acontecimento, segundo nossas fontes orais e jornais da época, Santa Fé passou a ser perseguida pela classe política de Cajazeiras-PB.

Acreditamos que esse estudo de campo e a pesquisa bibliográfica desenvolvida foram importantes ferramentas na área do debate científico para trazer aos leitores a história de uma comunidade que teve um considerável desenvolvimento econômico e foi destruída, e que essa

história permanece na memória coletiva sobre os motivos ou elementos que teriam ceifado a importância ou desenvolvimento de Santa Fé.

Quando se fala no desenvolvimento de Santa Fé, faz-se referência com o que o nosso entrevistado narra, pois relata que as casas de tecido daquela localidade eram comparadas com as de Campina Grande. Contrariamente ao que foi no passado a atual Fé - Monte Horebe - PB, que conforme a imagem a baixo (Figura 1) na qual podemos perceber que não mais existe um comércio e a maioria das casas estão fechadas, as duas únicas ruas existentes não possuem pavimentação e a única escola que possui só comporta o ensino infantil e fundamental anos iniciais, pois a população é pequena e por isso as crianças daquela localidade também são pouquíssimas. As demais crianças que cursam o ensino fundamental anos finais e ensino médio se descolam para a cidade de Monte Horebe-PB, que fica a uma distância de aproximadamente 20 km.

Figura 1. Imagem do distrito de Santa Fé atualmente.



Fonte: Imagem da autora, 2022.

3.1 A DECADÊNCIA DE SANTA FÉ-MONTE HOREBE-PB: VIOLÊNCIA E DISPUTAS POLÍTICAS

Retomando o que diz o professor Manoel Messias a chamada decadência Santa Fé se deu por conflitos familiares, brigas, bebedeiras, além de fatores climáticos a exemplo de grande seca que atingiu a região nos anos 1877. Ele afirma que muitos historiadores o procuram para coletar dados acerca do ocorrido, além disso, destaca o quanto os episódios foram violentos que até os dias atuais podem ser considerados impressionantes. Assim Messias aponta quatro fatores principais para a destruição do distrito, dentre eles:

[...]A morte de Manoel Barrabás na frente de casa, que saiu a família toda, os conflitos entre os Barbosa e os Viriato, o morticínio eleitoral de Cajazeiras, provocada por João Dias Ferreira, que foi justamente a eleição de 1872 e a seca de 77. Agora depois do século XX é que recomeça, que aquelas casas que tem lá não ficou pedra sobre pedra, até a Igreja destruíram, eu não sei se ainda tem lá o Cruzeiro, que foi a única coisa que restou da antiga Santa Fé foi o Cruzeiro. (Entrevista concedida pelo professor Messias Ferreira de Lima)

O historiador destaca que a região de Santa Fé compreendida pelas terras que atualmente fazem parte dos municípios de Monte Horebe-PB e Bonito de Santa Fé-PB, passou por inúmeros problemas pela falta de um sistema jurídico do Estado, o qual gerou um sentimento de impunidade entre as pessoas que ali viviam.

Logo, ele afirma que instituições foram fechadas naquele período (1870-1880) causando assim declínio em Santa Fé que anteriormente dava sinais de progresso e desenvolvimento comercial.

[...] Um dos fatores da decadência de Santa foi o morticínio eleitoral de Cajazeiras, porque a parti daí ouvi uma perseguição muito grande com o pessoal de Santa Fé, porque para lá fecharam escola, a polícia não foi mais para lá, fecharam delegacia, lá tinha delegacia. E então, o que acontece depois dessa briga, os pires Ferreiras não foi preso, foi marcado um júri, ele se apresentou e foi absolvido, aí a mulher do tenente Cartaxo que foi um dos que morreu na confusão era bem de vida e nesse tempo, nem na paraíba tinha justiça, só tinha em Recife, para tu ver como as coisas eram difíceis nesse tempo. (Entrevista concedida pelo professor Messias Ferreira de Lima)

O professor Messias destaca que outro motivo para a decadência de Santa Fé foram as desavenças entre outro padre, o padre José Tomás da comarca de Cajazeiras - PB e os populares da região, os quais teriam “boicotado” um evento realizado por esse religioso na igreja católica do local.

Então esse estado de coisas que iria forçar a retirada das famílias pacatas, porém antes que isso acontecesse, idealizou o Padre José Tomaz de Albuquerque, que assumira a regência da capela, embora residindo em Cajazeiras, sede da freguesia e do termo, um plano para afastar Santa Fé do caos, quando chegou ali na véspera da feira, mas já encontrando a vila em animadas perspectivas. Com pouca demora, tratou o sacerdote de organizar um leilão[...] (LIMA, 1977, p. 157)

No que diz respeito aos prováveis envolvimento dos religiosos na chamada decadência econômica de Santa Fé, podemos citar o acontecimento do padre José Tomás de Albuquerque, que passou a celebrar as missas naquela comunidade, por consequência da saída do padre Manoel Lins de Albuquerque, conforme já foi dito a cima. No intuito arrecadar dinheiro com fins de melhorar a igreja, o padre em exercício José Tomás fez como era

costume nas demais comunidades e igrejas católicas, uma quermesse logo que assumiu como pároco da igreja de Santa Fé. No dia da quermesse, o padre José Tomás iniciou o evento, apresentando os objetos do leilão e na expectativa de alguém arrematar teve uma surpreendente frustração, pois isso não aconteceu. O primeiro utensílio do leilão ninguém colocou dinheiro e isso permaneceu com todos os demais objetos. Com muita raiva pelo boicote ao leilão, com a intenção de ajudar aquela população de Santa Fé, e ninguém ter se interessado, o vigário ofereceu a um comerciante os objetos por um preço de 2 mil réis, e com bastante insatisfação no dia seguinte pela manhã a pé, deixou Santa Fé, e como era de costume sempre pela manhã ter a missa, a população ficou sem entender porquê o padre não estava na igreja. A caminho para Cajazeiras, ao deixar o distrito, o padre José Tomaz encontrou o comerciante Manuel Ferreira, o qual deu seu cavalo selado para o vigário ir a cidade de Cajazeiras.

Como vimos a cima a uma contradição entre relatos da historiografia e relatos da história oral acerca das maldições sobre o distrito de Santa Fé. Na história oral encontramos registros que foi o padre Ibiapina enquanto que a historiografia revela ter sido o padre Manoel Lins de Albuquerque e José Tomás.

Um outro fator foi a história do padre Zé Tomaz que era o vigário da cidade de Cajazeiras, ele foi celebrar uma missa lá e não respeitaram, ele marcou a noite uma quermesse e o pessoal ficou jogando baralho, e não participaram, ele ficou com raiva e foi embora no outro dia e não celebrou a missa de manhã, o povo fala que ele jogou praga em Santa Fé, aquelas coisas, no livro lá fala que tinha sido o padre Ibiapina, o povo dizia que tinha sido o padre Ibiapina que tinha jogado essa praga, o padre Ibiapina pregou por aqui por essa região, Santa Fé, São José de Piranhas, Bonito de Santa Fé e ele fundou em Cajazeiras a casa de caridade, ali na diocesana, a casa de caridade que foi transformada no Colégio Diocesano, fundado pelo padre Ibiapina, mas não foi ele que jogou praga em Santa Fé, a conversa certa foi o padre Zé Tomaz, que foi o primeiro prefeito de Cajazeiras, que o prefeito foi embora para o Ceará, e morreu pra lá então, esse foi o segundo fator e o grande fator da decadência de Santa Fé. (Entrevista concedida pelo professor Messias Ferreira de Lima)

Sobre a impossibilidade de ter sido o padre Ibiapina o responsável pela “maldição” justifica-se pelo fato de que quando o mesmo chegou em Santa Fé, a mesma já estava em decadência. No entanto, independente de qual religioso e se realmente aconteceu, o fato para nós que trabalhamos com a história e a memória é que a fama da praga existe ainda hoje e representa uma ideia que perpassa no tempo. Lima (1977, p. 157) destaca que as palavras do Padre Manoel Tomáz após o fracasso de sua quermesse foram: “Santa Fé não, malditos até a última geração”. Já o autor da obra *Cavalo de Piripiri* explica que o padre Ibiapina em sua visita a Santa Fé por volta do ano de 1880 falou “Está realmente castigada, mas ainda será

terra de promessa para os vindouros!”. Assim, podemos afirmar que as fontes históricas, sejam oficiais ou orais, divergem. Contudo, com ou sem praga, a região declinou e deu espaço a Bonito de Santa Fé e Monte Horebe.

De acordo com Dias (2011), Santa Fé detinha um comércio que atraía a atenção das cidades vizinhas como Cajazeiras, pois ali se vendia quase tudo, a exemplo de tecidos, roupas, alimentos agrícolas e carne de gado. Corroborando com este contexto, Cartaxo (2015) destaca que o distrito por ter uma economia promissora atraía um sentimento de inveja a outras localidades. Relatam os moradores que o povoado tinha grandes possibilidades de se tornar uma grande cidade e que por motivos de sua decadência infelizmente isso não aconteceu.

De todo modo precisamos continuar o debate em torno da tão alegada questão da violência que se abateu na localidade, focando conflitos ocorridos entre dois grupos familiares que além dos fatores econômicos são lembrados como os que deram origem ao processo de decadência de Santa Fé.

3.2 OS VIRIATOS E OS BARBOSA COMO PERSONAGENS IMPORTANTES ACERCA DOS CONFLITOS QUE DERAM ORIGEM A CHAMADA DECADÊNCIA DE SANTA FÉ-MONTE HOREBE-PB.

Os Viriatos eram um grupo familiar com fama de supostos bandidos. Essa família vinha do estado do Ceará e não tinha um lugar certo para residir, pois andava pela região Nordeste. Os registros relatam que esse grupo costumava visitar e cometer crimes nas cidades de Missão Velha, Umary e Milagres no Ceará enquanto que no sertão da Paraíba faziam a mesma coisa em Cajazeiras, Sousa e no próprio distrito de Santa Fé. São lembrados como pessoas que viviam em busca de terras, que roubavam e assassinavam, causando terror por onde passassem.

Já os ramos familiares dos Barbosas tinham residência fixa no distrito de Santa Fé e era comandado pelo seu líder Antônio de Lacerda, que era casado com uma irmã do assassino João Pires, que também morava naquela freguesia, o qual foi responsável pelo morticínio de Cajazeiras¹, em 1872, quando seis pessoas foram assassinadas. Conforme relatos esse grupo

¹ O fato político mais relevante da história de Cajazeiras foi o conflito armado, no dia 18 de agosto de 1872, quando morreram seis pessoas e outras tantas ficaram feridas. Decorridos quase 150 anos do episódio, conhecido como o morticínio eleitoral de Cajazeiras, ainda hoje persistem dúvidas e controvérsias entre estudiosos de nosso passado. Além do impacto real, familiar, emocional, administrativo e político provocado pelos assassinatos em praça pública, aquele acontecimento gerou muitas consequências para a vida da sociedade cajazeirense. E seus principais personagens. Disponível em: <https://www.diariodosertao.com.br/coluna/revisao-do-morticinio-eleitoral-de-cajazeiras>.

familiar também gostava de entrar em conflitos, de assassinar, roubar e deixar a população em pânico.

A seca com os seus terríveis efeitos produzirá menos mal do que os grupos de assassinos e roubadores. Nos arredores dessa Villa temos os Leandros, que de quando em vez espancam e ferem com tiros os soldados aqui estacionados; e no distrito de Bôa Esperança Os viriatos; percorrem impunemente toda comarca em hostilidade recíproca; João Calangro e seu sequito, e Sebastião Pellado e o seu. Tem residência fixa no distrito de Santa Fé, termo e Comarca de Cajazeiras da Parahyba, os ferozes Barbosas commandados por um tal Antônio de Lacerda, genro do cérebro assassino João Pires, os quais levam suas correrias até esse termo, elles alli policião, prendem, soltão e recebem carceragem. (Jornal o Cearense, 1887).

Na narrativa do professor Manoel Messias, assim como as notícias veiculadas no Jornal Cearense (1887) afirmam que os grupos familiares Viriatos e Barbosa traziam uma sensação de enorme insegurança para a população de Santa Fé. Século XIX por estas famílias serem consideradas como cangaceiros e sempre resolviam suas questões por meio do uso da violência.

O historiador destaca que as trocas de tiros nos anos 1870 no distrito eram intensas entre os dois grupos, que eram caracterizados na época como muito valentes e destemidos, assim toda essa situação representou um dos fatores que contribuíram para a queda da antiga Santa Fé. Conforme o historiador:

Com a paraíba, o distrito de Iara, antes era um povoado boi esperança e lá era dominado pelo um grupo de cangaceiros muito violentos e numerosos que eram os Viriatos, que era quem comandava aquela região e eles se enrascaram com um grupo de cangaceiros de Santa Fé que eram os Barbosas, esses Barbosas eram família do Inácio Lira que foi, que veio para são José de piranhas e foi prefeito, só que ele não se envolveu. O grupo Barbosa tinha um chefe que era chamado genuíno de Santa Fé, todo mundo se assombrava com ele, esses grupos aí de vez em quando se arengavam com o grupo Barbosa e viriatos e vez em quando os viriatos vinham em Santa Fé e metiam bala. (Entrevista concedida pelo professor Messias Ferreira de Lima)

O historiador afirma que os confrontos entre Viriatos e Barbosa promoveram muitas mortes dentre os membros dos grupos de malfeitores, fator inclusive que chamou a atenção das autoridades policiais da época. Afirma o entrevistado que os descendentes dos Barbosa optaram inclusive por retirar este sobrenome dos novos membros da família que iam nascendo conforme o tempo para evitar qualquer espécie de retaliação de algum grupo rival.

Um dos fatores da decadência de Santa Fé é essa questão dos viriatos e Barbosas é tanto que dos Barbosas que não participaram. E que não morreram, ou alguns a polícia matou um bocado e outros foram embora, não ficaram, só quem saiu de lá e veio morar aqui foi o Inácio Barbosa de Lira, que foi o segundo prefeito daqui de

São José de piranhas e formou a família Lira que é muito importante aqui, aquele senador Lira. É tanto que ele retirou o sobrenome de Barbosa da família, ele não registrou nenhum dos filhos, ele teve 15 filhos e formou essa família grande aqui, mas nenhum botou, o nome de Barbosa no sobrenome, retirou, ficou só o Lira, Francisco Lira, João Lira, retirou o Barbosa. Então, como é que uma localidade tão importante assim chega a desaparecer? (Entrevista concedida pelo professor Messias Ferreira de Lima)

Ainda reforça que os conflitos existentes em Santa Fé se desenvolviam em todos os lugares que os grupos de cangaceiros, nome que recebiam conforme a história oral, frequentavam. Os Viriatos não moravam no distrito de acordo com as fontes orais e vieram para Santa Fé porque já sabiam que naquela localidade tinham outros grupos de indivíduos que causavam medo na população. Será que esses membros dos Viriatos não estavam interessados em se aliar aos Barbosas? E talvez por não ter sido aceitos, ocasionou nos conflitos? Esses questionamentos merecem destaque.

Segundo a oralidade Viriatos e Barbosa percorriam o interior do sertão e era de costume que andassem armados e consumiam muitas bebidas alcoólicas, além de praticarem jogatina. Essas pessoas traziam um sentimento de insegurança para a população, pois atrapalhavam o cotidiano das cidades que percorriam.

Contudo, o historiador ainda destaca que estas brigas entre os grupos familiares mesmo apontadas como fatores de decadência de Santa Fé, não representam na avaliação dele algo que impulsionou o fim de Santa Fé, contradizendo assim outras fontes utilizadas nesta pesquisa.

Assim, de acordo com ele:

Mas esses conflitos daquela época, era conflito em todo canto tinha, assim não existia brigas de famílias que era o que era perigoso pra época era isso, confusão de cachaça em todo canto tinha, por bebedeira, essas coisas nera, em dia de feira o pessoal andava tudo armado, então havia esses conflitos de Santa Fé, havia essas briga, mas eu quero dizer assim não havia rixa de família, eu não conheço rixa de família, eu não conheço rixa de família em Santa Fé que chegasse a prejudicar o desenvolvimento da localidade entende, se teve não ficou registrado. (Entrevista concedida pelo professor Messias Ferreira de Lima).

A partir do relato do historiador podemos inferir que o clima era muito tenso neste período histórico em Santa Fé, pois havia muita hostilidade entre os grupos familiares citados, era um tempo em que a maioria dos homens com alguma posse andavam com armas de fogo. É importante salientar que a sociedade patriarcal e sua cultura de poder e violência masculina consumiam altas quantidades de álcool e conseqüentemente a fama dessa situação chagava a

outras regiões, fazendo com que o comércio que representava um ponto alto de Santa Fé se enfraquecesse.

Afinal, os conflitos armados em que registravam trocas de tiros, ocorriam muitas vezes em dias de feira livre e em consequência as pessoas perdiam o interesse em fazer negócios por lá.

3.3 AS CONSEQUÊNCIAS DOS CONFRONTOS ENTRE BARBOSA E VIRIATOS

De acordo com o professor Messias, os confrontos entre Barbosa e Viriatos se desenvolveram por um longo período, trazendo assim muitas mortes entre eles. Fato que chamou a atenção da polícia que acabou por ceifar a vida de integrantes destas famílias durante confrontos na região, assim conforme o professor, várias integrantes destes grupos além de morrerem mediante o contexto de “guerra”, perderam suas vidas por desafiarem a justiça, ou seja, o Estado.

O entrevistado afirma que apenas um membro dos Barbosa não morreu porque não participou dos confrontos, assim ao escapar com vida da guerra contra os Viriatos formou uma nova família, os Lira, que acabou sendo um dos principais expoentes políticos da região do sertão paraibano. O historiador ainda reforça que as polícias do Ceará e da Paraíba precisaram se unir para resolver a questão entre as duas famílias e que em decorrência desta situação até coronéis precisaram interferir para a conclusão de um processo que resultou em muitas mortes.

A família Barbosa, o que eu sei é que ouvi essa, era uma família importante lá em Santa Fé e o rumo o famoso Jesuíno formou um grupo de cangaceiro e começou a fazer depredações pela região, mas sempre morando em Santa Fé, roubava dinheiro por aí, eles entram em choque com os Viriatos, esses conflitos entre Barbosa e Viriatos só se acabou com a destruição dos dois porque os Viriatos só daí do Ceará foram destruído pela polícia da Paraíba, do Ceará pelos Jacusi, coronéis que botaram pra correr e os Barbosa também a polícia veio, a polícia da Paraíba veio aí e botou pra correr, matou um bucado, outros foram embora, o que eu sei a respeito da família Barbosa é isso, somente um dos Barbosa que não se envolveu em confusões lá em Santa Fé, ele veio morar em São José de Piranhas, foi Inácio Lira que formou uma grande família, a família Lira. (Entrevista concedida pelo professor Messias Ferreira de Lima).

Diante do exposto, ficou evidente nos relatos e escritos da questão o quanto permanece nessas memórias o fato de que essas famílias provocaram um viés de destruição na região de Santa Fé e o quanto chamaram a atenção na época, uma vez que polícias de dois Estados e coronéis participaram do conflito.

Este contexto de violência foi crucial para a derrocada de Santa Fé, pois as pessoas ficavam com medo de serem envolvidas neste processo violento e assim a região foi sendo desocupada na medida em que deixavam de residir na localidade.

3.4 OS RAMALHOS, A FAMÍLIA QUE PROGREDIU MESMO DEPOIS DO DECLÍNIO DE SANTA FÉ-MONTE HOREBE-PB

A família Ramalho é bastante conhecida pela região de Conceição e também no distrito de Santa Fé, nos anos de 1895-1900. Nesse período em que ocorreu a chamada destruição do distrito, embora a linhagem dos Ramalhos residisse em um sítio chamado Cabrais que fica próximo ao distrito de Santa Fé, mas exerciam neste influência.

Assim, atuavam de modo que todas as catástrofes que aconteciam naquela localidade eram do conhecimento dessa família, porém não se envolviam diretamente no confronto. No período 1890-1900, a população de Santa Fé estava migrando para as proximidades vizinhas, a exemplo da cidade de São José de piranhas e do povoado de Bonito e a partir de 1925 também para o povoado de Monte Horebe-PB que teve seu começo através de uma doação de uma pequena área de terras por Joaquim de Sousa para a futura cidade que 1961 teve sua emancipação. Com esses acontecimentos, o grupo Ramalho acabou tomando posse dos bens abandonados pelas pessoas que ali residiam, como as terras e casas e a partir daí deram início a reconstrução de Santa Fé.

Então, conforme afirma Lima (1977), a família Ramalho chefiada pelo famoso Coriolano, com a destruição de Santa Fé aproveitaram para reerguer o povoado e realmente conseguiriam. Ou seja, sabemos que Santa Fé nunca mais teve destaque como antes se falava e perpassava na memória da população, mas mesmo com esse campo de destruição, o ramo da família Ramalho não é lembrado na narrativa da história oral como sendo uma das quais participaram dos conflitos, só é citada como a linhagem que reconstruiu o distrito.

Finalmente não escapou as nossas pesquisas e heroísmo da família Sá Ramalho também chamada Mariano de Sá, sempre chefiada por Coriano Mariano de Sá, núcleo que resistiu a todas as intempéries até o arrasamento total de Santa Fé, na defesa dos seus bens por ali existentes e para manter suas tradições religiosas visto que até o templo sagrado tinha sido destruído, construiu a persistente família uma capelinha afastada das ruínas da primeira igreja, mas próxima a casa que sobreviveu intacta as catástrofes Santafeenses, justamente Coriolano de Sá chefe da dita família Mariano de Sá da Ramalho, de quem descende hoje muitas figuras ilustres, podemos citar- se entre as mesmas o nome conceituado do desembargador Luiz Silvio Ramalho aliás já nascido na cidade de Conceição. (LIMA, 1977, p. 15)

Figura 2. Escombros da antiga igreja do distrito de Santa Fé – Monte Horebe - PB.



Fonte: Lima, 1977.

Figura 3. Atual igreja no distrito de Santa Fé – Monte Horebe - PB.



Fonte: Imagem da autora, 2022.

Nessa primeira foto (Figura 2) podemos observar as ruínas da primeira igreja de Santa Fé. Com essa imagem percebemos o quanto a violência naquele lugar foi totalmente arrasadora. Também é mostrado nessa outra foto (Figura 3) abaixo da primeira a igreja/capela que a família Ramalho construiu e até os dias atuais existe.

Como prova que essa família realmente foi privilegiada com a decadência do distrito, podemos observar que até foi homenageada com a pequena escola que leva o nome de um membro da mesma, Jonas de Sá Ramalho. Observamos a foto a baixo (Figura 4).

Figura 4. Escola Jonas de Sá Ramalho no distrito de Santa Fé – Monte Horebe - PB.



Fonte: Imagem da autora, 2022.

A família Ramalho com a decadência de Santa Fé aumentou em muito a influência na região, pois alguns de seus membros ocupavam lugar de destaque na sociedade, ocupando profissões importantes na região como advogados, médicos, desembargadores, entre outros.

Desse modo, mesmo não constituindo moradia em Santa Fé, era notório na época o quanto esse grupo familiar exerceu importância para aquela região, que foi devastada graças aos confrontos entre as famílias já citadas.

Podemos perceber que o ramo desse grupo se tornou importante porque mesmo depois de todo arrasamento de Santa Fé eles conseguiram reconstruir e ainda reabitar, embora com um número bem menor de habitantes, a povoação e fazer a vila se tornar posteriormente distrito da cidade de Monte Horebe-PB. Logo:

A família Ramalho era uma das famílias mais importantes da época na Paraíba, teve época que existia Ramalho por todo canto, era médico, era advogado, era desembargador, era juiz, muito muito importante a família Ramalho, porque ela é só dali, a família Ramalho veio de Conceição a ramificação Ramalho dali é uma ramificação dos Ramalho de Conceição, a família Ramalho é muito importante, hoje praticamente não existe mais ninguém mais lá da família Ramalho, mas no auge de Santa Fé a família Ramalho era certo importante, só que a família Ramalho não morava na localidade, morava no sítio Cabrais por isso que eles ficaram lá, se por tivesse morado lá na cidade talvez tinha saído também, inclusive teve até alguém que disse que as coisas que ficaram abandonada lá que eles venderam, tinha muita madeira muita coisa que não era nem deles, mas ficou abandonada, eles tomaram e conta e ficaram vendendo, não sei se isso é verdade. (Entrevista concedida pelo professor Messias Ferreira de Lima).

3.5 A MORTE DO TENENTE CARTAXO E O ÁPICE DO CONFLITO E CRISE SOCIAL EM SANTA FÉ-MONTE HOREBE-PB

O Tenente João Antônio de Couto Cartaxo, que não tinha relação ou atuava diretamente em Santa Fé - Monte Horebe - PB não foi assassinado por motivação política, mas sim pela influência negativa que o grupo familiar dos Barbosa praticava na região sertaneja, conforme Cartaxo (2015, p.1).

Contudo, os jornais da época davam conta que o fato teve motivação de disputas envolvendo a política da região. Cartaxo (2015, p.1) destaca que os Barbosa juntamente com seus cúmplices foram responsáveis pelo ocorrido praticado pelo grupo de João Pires.

Assim o João Antônio de Couto Cartaxo foi morto durante uma invasão que a cidade vizinha sofreu durante um dia de eleição no ano de 1872, o suposto responsável por essa morte, segundo o jornal da época, (A província, 1876), foi um dos integrantes do grupo comandado pelo domiciliado em Santa Fé, o João Pires. João Pires Ferreira foi mandado a júri pela mãe do João Antônio de Couto Cartaxo, Ana Josefa de Jesus e foi julgado no dia 18 de fevereiro do ano de 1876, porém foi absolvido, por oito votos contra quatro. O suposto assassino pertencia ao ramo da família Barbosa.

Conta-se que no dia 18 de agosto de 1872, num entrevero com adeptos do Partido Conservador o sangrento episódio se deu. Era dia da eleição municipal, por isso ficou conhecido como o “morticínio eleitoral de Cajazeiras”. O fato é sempre lembrado, embora haja muita desinformação acerca das causas, motivações e de alguns personagens envolvidos. (CARTAXO, 2015, p.1)

A figura do tenente João Antônio de Couto Cartaxo era muito importante, segundo a oralidade sua família tinha bastante poder, podemos perceber isso ao observar as notas nos jornais da época, nos anos de 1876 para se colocar uma nota nos jornais era caro, e encontramos alguns anúncios que relatam a impunidade dos envolvidos e a indignação da família do assassinado. Ademais, além do descontentamento da família Cartaxo, o assassinato provocou aborrecimento por parte da classe política de Cajazeiras, que passou a perseguir Santa Fé.

Os Viriatos tinham base em Boa Esperança (atual cidade de Iara) e agiam de preferência na divisa do Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte, sendo “as comarcas do Icó, Cajazeiras, Sousa e Pau dos Ferros as áreas de operação da horda de facínoras”, segundo Abelardo Montenegro. Eles eram assíduos em Santa Fé. Existem muitas referências aos Viriatos nas disputas, brigas, roubos e outras traquinagens, sem contar a acusação de que uma parte do grupo teria ajudado o

alferes João Pires Ferreira a invadir Cajazeiras, no dia da eleição municipal, em 18 de agosto de 1872, quando morreu o tenente João Cartaxo. (CARTAXO, 2015, p.1)

Contudo as querelas políticas locais entre o partido Liberal e Conservador, são para alguns historiadores elemento para se entender o contexto do assassinato do Antônio Cartaxo. Em seu estudo Cartaxo (2015, p.1) explica que naquele período (final do século XIX, por volta de 1870), a região do sertão paraibano próxima a Santa Fé, existia dois partidos políticos que polarizavam o poder. Estes partidos eram o Conservador e o Liberal, o segundo era considerado o mais forte sendo comandado por Vital Rolim, naquela oportunidade Sousa detinha influência sobre a cidade.

Um estudo sobre os partidos políticos (Conservador e Liberal) na Paraíba do século XIX revela a presença de membros das redes familiares: os Carneiro da Cunha e os Cavalcanti de Albuquerque formavam famílias de liderança que se destacaram no Partido Conservador, com participação, na Assembleia Provincial (1836-1889), de sete e oito pessoas, respectivamente Até o presente momento, a melhor maneira de compreender os partidos políticos e atuação dessas elites nos cargos públicos no Império é verificando os laços de parentesco e suas alianças. Esses grupos de parentesco vão sendo incorporados estruturalmente à política. (OLIVEIRA, 2016, p.23)

Assim de acordo com a literatura local e especialmente com Cartaxo (2015, p.1), a morte de João Antônio de Couto Cartaxo, em bora envolvido com grupos políticos nada teve a ver com estas agremiações:

O assassinato do tenente João Cartaxo não resultou de uma disputa político-eleitoral entre cajazeirenses, embora tenha envolvido dois partidos políticos. O Partido Liberal, o mais forte, foi organizado pelo comandante Vital Rolim quando Cajazeiras era simples povoação do município de Sousa. Comandante Vital recebia a orientação do padre José Antônio Marques da Silva Guimarães, vigário, deputado e chefe político de Sousa durante muitos anos. O Partido Conservador se formou em torno dos descendentes de Francisco Lins de Albuquerque, um pernambucano, segundo Deusdedit Leitão, atraído ao sertão do Rio do Peixe pelos herdeiros do sesmeiro Luiz Gomes de Albuquerque, o pai de Ana Francisca de Albuquerque (Mãe Aninha). (CARTAXO, 2015, p.1)

O partido conservador de Cajazeiras foi fundado pelo Pernambucano Francisco Lins de Albuquerque que chegou a fundar alguns povoados no sertão paraibano, logo por meio de suas iniciativas, detinham uma considerável influência nos setores políticos da época.

Francisco Lins de Albuquerque é considerado o fundador de Nazarezinho. No começo de século XIX, fixou-se no lugar chamado Pico que, anos depois, floresceu,

tornando-se povoado, vila e, finalmente, a cidade de Nazarezinho. Lembro esses detalhes para realçar que o Partido Conservador em Cajazeiras provinha, como o Partido Liberal, de origem familiar semelhante: o velho desbravador do sertão Luiz Gomes de Albuquerque. Diferente do alferes João Pires Ferreira de Maria, que tinha outras raízes. João Pires foi acusado, formalmente perante a Justiça, de ser responsável pelo conflito armado no dia da eleição de 18 de agosto de 1872, embora não estivesse presente na hora do tiroteio. (CARTAXO, 2015, p.1)

Então pode-se afirmar que os partidos disputavam influência naquela região, que além de uma seca ocorrida por três anos, enfrentava a violência oriunda de grupos familiares violentos, que acabaram por enfraquecer regiões com importantes entrepostos comerciais, como Santa Fé.

Logo, qualquer impasse envolvendo algum membro dessas entidades iria afetar alguma região envolvida, como ocorreu com Santa Fé, pois como um de seus moradores fora autor do assassinato de João Antônio de Couto Cartaxo, passou a sofrer forte perseguição como já mencionado nesta pesquisa.

Na Monarquia, conservadores e liberais se revezavam no governo, formando o Gabinete que representava o poder executivo, conforme a organização administrativa naquela época. Ora, quando um partido comandava o Gabinete havia substituição, de cima a baixo, dos ocupantes dos cargos públicos. Pois bem, o morticínio de Cajazeiras se deu sob a égide do Partido Conservador, sendo Manoel Cesário de Albuquerque o prefeito nesse período. (CARTAXO, 2015, p.1)

Diante do exposto, pode-se observar que assim como outros fatores acima mencionados a morte de João Antônio de Couto Cartaxo por um suposto morador de Santa Fé aumentou o clima de instabilidade e violência contribuindo assim também para o seu período de decadência, de certa maneira foi uma das situações para a derrocada de Santa Fé, segundo a historiografia local esse fato teria provocado descontentamento de grupos políticos de Cajazeiras, que passaram a perseguir a antiga Santa Fé. É preciso frisar que desde seu início Santa Fé sofreu com a presença de grupos familiares em constante conflitos fazendo com que região espaços de bebedeiras, jogatinas e até violência. Situação que deu espaço ao crescimento de outras localidades, a exemplo de Bonito de Santa Fé- PB e Monte Horebe - PB.

Devemos levar ainda em consideração que a região do sertão paraibano, assim como todo o Nordeste passa por um momento marcado pelo patriarcalismo e pelo sentimento de impunidade daqueles detentores do poder econômico e político no Século XIX

Aconteceram muitas transformações nos últimos anos deste período, quando existia um sentimento de valentia e violência que influenciava os grupos familiares que exerciam influência no setor político.

Após leituras dos principais registros da história de violência e decadência de Santa Fé, assim como em análise dos relatos dos moradores entrevistados na pesquisa podemos dizer que os fatos ocorridos no Século XIX ainda permanecem vivos na memória coletiva das pessoas, além de influenciar na atual configuração política, administrativa e econômica de Santa Fé.

Como forma de resumo, podemos dizer que essa memória sobre conflitos familiares e supostas causas da decadência de Santa Fé aparecem no presente sob perspectivas diferentes, ou seja, para os moradores do distrito além dos conflitos sangrentos a maldição dos padres teria se concretizado, já os fatos e a historiografia nos mostram outros aspectos, como o “morticínio de Cajazeiras”, fato que a população não lembra, não sabe ou não comenta.

Essas memórias transcorridas durante todo esse tempo, ou seja, do fim do século XIX até os dias atuais nos mostram que as pessoas não conseguem entender ou quem sabe aceitar o fato de que o distrito de Santa Fé com um cenário de suposto desenvolvimento comercial promissor acabou por sofrer com um contexto de violência e destruição.

Através desse estudo e a partir da documentação usada vimos que várias narrativas são postas como o fator decisivo para a decadência do distrito de Santa Fé, a exemplo dos confrontos entre Barbosas e Viriatos, as maldições dos padres, a seca de 1877 e também a morte de João Antônio de Couto Cartaxo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho possibilitou entender como a memória coletiva e as fontes históricas desvinculadas das relações de poder podem ser utilizadas para apuração de fatos históricos que marcaram uma geração em determinada região, assim os profissionais da área de História precisam também dessa documentação para realizar de forma mais assertiva o processo de investigação. Com isso, percebemos a necessidade de analisar como devemos escolher os melhores tipos de metodologia na pesquisa científica, de acordo com o objetivo de estudo a ser trabalhado.

Compreendemos a importância de saber identificar quais os elementos mais importantes que as fontes orais ou não podem oferecer a comunidade acadêmica no processo de coleta de informações científicas, ou seja, os benefícios de determinado tipo de fonte consultada, a exemplo da memória coletiva, relatando não apenas um ponto de vista acerca de um acontecimento.

Este trabalho é definido como uma monografia, representando um estudo descritivo de análise qualitativa no qual utilizamos de informações oriundas de documentos como publicações, artigos, pesquisas bibliográficas, jornais antigos e sites de internet, os quais usamos Dias (2011), Hampton (1991), Lima (1977), Marques (2002), Lima (2010), Pimentel Filho (2002), Rémond (1996), Vasconcelos (2008), além do método da História Oral e uso de entrevistas onde coletamos dados imprescindíveis a pesquisa, por meio do depoimento de Maria Lacerda Leite, Manoel Messias Ferreira de Lima e Francisca Leite de Moraes, acerca do processo de decadência Santa Fé, momento no qual relataram conflitos diversos e brigas entre grupos familiares, assim como situações que alegam aos religiosos sacerdotes que de algum modo tiveram atuação na região e na história da localidade.

Após realizar breves considerações acerca dos principais tipos de fontes, buscamos compreender a importância ou funcionalidade de cada uma para o pesquisador na área de História, compreendo assim que a temática poderá ser explorada com maior profundidade posteriormente. O procedimento utilizado nessa pesquisa buscou elucidar como podemos investigar os fatos passados por meio da memória coletiva em consonância a voz da literatura científica, mesmo estando vivenciando um contexto de possível escassez de informações.

Tradicionalmente, o pesquisador busca investir seus esforços nas consultas oriundas das fontes oficiais, contudo, especialistas da Nova História defendem que este método precisa ser revisto e assim a memória coletiva precisa ser valorizada nos meios acadêmicos.

Como já esmiuçado durante as discussões do desenvolvimento, buscamos neste trabalho expor os principais fatos ocorridos em Santa Fé, traçando assim, de maneira geral, um panorama em breves considerações, acerca de quais fatores podem ser levados em consideração no contexto de investigação de sua suposta decadência.

Compreendemos assim que utilização de uma modalidade de fonte histórica como a que usamos nesse trabalho, instrumentaliza de uma problematização durante a investigação científica, além disso, verificamos o quanto é importante o papel do profissional da área de História neste processo, pois, com seus conhecimentos e técnicas, irá traçar os melhores cenários a serem alcançados na construção do debate acadêmico.

Também buscamos para o debate o referencial teórico, que nos possibilitou traçar um discurso sobre definições e quais motivos levaram a tão lembrada ou falada decadência de Santa Fé, que durante algum tempo fora considerada uma localidade promissora com de área comercial relevante com comercio, a exemplo do comércio de especiarias, tecidos e feiras de gados. Fizemos uma revisão bibliográfica através de artigos acadêmicos e sites de internet especializados na história dos conflitos entre grupos familiares, realizando um estudo visando assim buscar respostas relativas ao questionamento de como uma região com forte economia, chegou a um processo de declínio irreversível até os dias atuais.

Nesta pesquisa, percebe-se um conjunto de fatores que contribuíram para a decadência de Santa Fé a exemplo de brigas entre famílias, os Viriatos e Barbosa, o morticínio de Cajazeiras, o qual foi assassinado o João Antônio de Couto Cartaxo por um dos integrantes do grupo de João Pires morador da localidade de Santa Fé, a tão lembrada suposta maldição e descontentamento de religiosos com o comportamento da população local devido a farras e jogatinas, porém buscamos expor como estes pontos podem ser analisados como um todo e quais foram primordiais para a queda do distrito.

Ainda buscamos mencionar na pesquisa que o nosso país no Século XIX vivia, um contexto social marcado pelo patriarcalismo, onde grupos familiares de várias regiões do Nordeste se valiam da violência para se impor perante a sociedade, contudo, muitas pessoas perderam suas vidas neste contexto.

Sabendo disto, não devemos esquecer que há muitos anos, Santa Fé foi assolada por uma grande seca em 1877 e o distrito foi também castigado pelo elemento natural e não apenas por conflitos familiares.

Sendo assim, como uma região que tinha condições de ser um importante centro comercial, fonte de interesses de comerciantes de cidades vizinhas como Cajazeiras e Estados como Pernambuco e Ceará, decaiu de forma drástica?

Essa questão precisa ser debatida com cuidado pelos especialistas da área histórica, pois a medida que se consulta as fontes cresce as interpretações, em consonância a apuração por meio das fontes não oficiais que são desvinculadas com qualquer compromisso de relação de poder.

Em meio ao discurso dos especialistas na temática como Dias (2011), Lima (1977) e Lima (2010) este estudo constitui-se numa apuração onde as informações checadas deram conta do leque de elementos que compõem o contexto de decadência de Santa Fé.

Sabemos que ao longo dos anos, as pessoas da região assim como esta pesquisadora teve acesso a informações valiosas que devem ser levadas em conta para a elaboração de uma análise mais apurada acerca da história e da memória de Santa Fé ter sido prejudicada e vivido um processo de decadência como alegam hoje. Um desses elementos que se coloca importante foi o assassinato de João Antônio de Couto Cartaxo, que reforçou um caráter de rivalidade entre os grupos políticos liberais e conservadores e levou a perseguição de Santa Fé por parte da classe política de Cajazeiras já que João Pires, residente na localidade foi até Cajazeiras com um grupo de 300 homens e um deles assassinou João Antônio de Couto Cartaxo, voltando em seguida para Santa Fé.

Devemos lembrar que o fator valentia era de considerável preponderância nas relações de poder na região do sertão paraibano, que abrange Santa Fé, e assim relatos de Cartaxo (2015), assim como Messias (2022) em entrevista para esse estudo, dão conta que era comum homens andarem sempre armados, consumiam bebidas alcoólicas em demasia e eram responsáveis por trocas de tiros constantes, fatos que tiravam a paz das pessoas. Em outras palavras, em decorrência deste comportamento de constante violência, as pessoas que buscavam melhores condições de desempenhar suas atividades comerciais em Santa Fé, foram deixando a região que deu lugar a localidades como Bonito de Santa Fé-PB e Monte Horebe - PB.

Logo, é importante compreender a partir da literatura, da memória coletiva e dos entendimentos que fazemos que não foi apenas um fato isolado que determinou a decadência de Santa Fé e sim vários fatores tais como pudemos identificar na pesquisa como conflitos familiares, até as supostas maldições da localidade por sacerdotes que ali se colocaram, e que como vimos tiveram desgostos ou desentendimentos com a população, também a insegurança e medo decorrente do clima de violência, além de disputas políticas. Todos esses fatos influenciaram para este que é tão presente na memória atual dos moradores, processo de decadência e crise de um tempo que relatam ter sido de prosperidade.

Com a finalidade de mostrar o quanto a estratégia para um satisfatório contexto de investigação científica no que diz respeito à decadência de Santa Fé, buscamos demonstrar que a memória coletiva não deve ser desprezada e sim valorizada pelo historiador como vimos na pesquisa. Precisamos lembrar que o interesse pelo assunto, se deu pela forma como observamos e analisamos, o quanto a história de Santa Fé é rica e merecia um aprofundamento necessário relativo as pesquisas acadêmicas.

No meio dos conflitos familiares estudados, estiveram os ramos familiares de Viriatos e Barbosa. Vale salientar que desde o início da formação da localidade se estabeleceu um clima de rivalidade entre essas famílias que só foi crescendo e que resultou em momentos de destruições, promovendo um número expressivo de mortes, fazendo com que a população ficasse com medo e se ausentasse da localidade. Os que permaneceram, a exemplo da família Ramalho que não eram envolvidos nos conflitos, tomaram conta do que ainda restou da localidade e tempos depois conseguiram reconstruir e repovoar, mas não de forma expressiva como Santa Fé foi no passado.

Ao produzirmos esse estudo sobre as memórias dos conflitos familiares e disputas de poder no distrito de Santa Fé no período 1870 -1900 não almejamos encerrar o assunto e as probabilidades de outros estudos e trabalhos relacionados com a temática, pelo contrário o desejo é que ele abra caminhos e possibilidades, já que o mesmo deixa lacunas para quem sabe outras monografias venham a sanar.

REFERÊNCIAS

- Acervo consultado no site da Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>).
- Fructos da situação. O cearense. Fortaleza. 30 de Nov. 1876. P. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?bib=709506&pesq=%22viriatos%22&pasta=ano%20187&hf=memoria.bn.br>
- Cajazeiras, 28 de setembro de 1872. Cearense. Fortaleza. 9 de Out. 1872. P. 2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?bib=709506&pesq=%22%20morticinio%20cajazeiras%22&pasta=ano%20187&hf=memoria.bn.br>
- ACADEMIA PARAÍBANA DE LETRAS. **O Padre Manoel Otaviano**. Disponível em: <https://novo.aplpb.com.br/academia/academicos/cadeiras-21-a-30/217-n-29-fundador-pe-manuel-otaviano>. Acesso em: 10 de Fev. de 2022.
- ASSUNÇÃO, Moassir. **Brigas entre famílias no Brasil colônia duram até hoje**. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/acervo/brigas-familias-brasil-colonia-duram-hoje-678927.phtml>. Acesso em: 10 de Jan. de 2022.
- AUTOR. Editorial **Que Conceito**. São Paulo. Disponível em: <https://queconceito.com.br/violencia>. Acesso em: 10 de Jan. de 2022.
- BARROS, J. D. HISTÓRIA CULTURAL E A CONTRIBUIÇÃO DE ROGER CHARTIER. **Diálogos**, v. 9, n. 1, p. 125 - 141, 22 jan. 2018.
- CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo. **Novos domínios da História**. Elsevier Brasil, 2011.
- CARTAXO, Francisco. **A morte do Tenente Cartaxo**. Disponível em: <https://www.diariodosertao.com.br/coluna/a-morte-do-tenente-joao-cartaxo-2>. Acesso em: 10 de Jan. de 2022.
- CLEMENTE, Rafael Willian. História Política e a “Nova História”: um breve acerto de contas. **Cadernos UniFOA**, v. 6, n. 16, p. 45-50, 2017. Disponível em: <http://web.unifoa.edu.br/cadernos/edicao/16/45.pdf> >.
- COSTA, Larissa. Recontando a história dos donos da terra. Disponível em: <http://www.cienciaecultura.ufba.br/agenciadenoticias/noticias/recontando-a-historia-dos-donos-da-terra/>. Acesso em: 02 de Mar. de 2022.
- DIAS, Mércia Maria. **50 anos de Histórias e estórias**. Monte Horebe, 2011.
- ESTEVES, Paulo. **Michel Foucault: Uma Trajetória Filosófica. Para Além do Estruturalismo e da Hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FALCON, Francisco. História e poder. In: CARDOSO, Ciro Flamarion (Org.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 61-89.

FERREIRA, Marieta de Moraes. A nova "velha história": o retorno da história política..**Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 265-271, jul. 1992. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1937/1076> >. Acesso em: 23 Dez. 2017.

FERREIRA, Marieta de Moraes. A nova "velha história": o retorno da história política..**Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 265-271, jul. 1992. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1937/1076> >. Acesso em: 23 Dez. 2017.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. 304 p.

FILHO, José Ernesto Pimentel. **A Produção do Crime: Violência, distinção Social e economia na formação da província cearense**. São Paulo, 2002.

Foucault, M. (1979). **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal.

HALL, M. Michael. **História oral: os Riscos da Inocência In: O Direito à Memória: Patrimônio Histórico e Cidadania**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura / Departamento do Patrimônio Histórico, 1991.

HAMPTON, D. R. **Administração: Comportamento organizacional**. São Paulo: McGrawHil, 1991.

IANNI, Otávio. **A sociedade global**. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

JONAS, J. **Padre Ibiapina, o teólogo da libertação em pleno século XIX**. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/noticias/545565-padre-ibiapina-o-teologo-da-libertacao-em-pleno-seculo-xix>. Acesso em: 02 de Mar. de 2022.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

LIMA, Lauro. **O Cavalo de Piripi**. Recife, 1977.

LIMA, Messias Ferreira. **São José de Piranhas: um pouco de sua história**. Cajazeiras, 2010.

LOZANO, Aceves; EDUARDO, Jorge. **Práctica y estilos de investigación em la historia oral contemporânea. Historia y fuente Oral**. Barcelona, Universitat de Barcelona, 1994.

LYNCH, C. A democracia como problema: Pierre Rosanvallon e a escola francesa do político. In: ROSANVALLON, P. Por uma história do político. São Paulo: Alameda, 2010, p. 19.

MAIA, Dália Maria B. **Conflito e família: formas de sociabilidade no sertão cearense**. Disponível em: <http://br.monografias.com/trabalhos/conflito-familiasociabilidade-sertao->

cearense/conflito-familia-sociabilidade-sertao-cearense.shtml. Acesso em: 02 de Mar. de 2022.

MARQUES, Ana Cláudia. 2002. **Intrigas e questões: vingança de família e tramas sociais no sertão de Pernambuco**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. 352 p.

MICHEL, FOUCAULT. *Microfísica Del poder*. Rio de Janeiro: Graal, v. 979, 1979.

MODENA, Regina Maura. **O Conceito de violência**. Disponível em: https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/ebook-conceitos-formas_2.pdf. Acesso em: 02 de Mar. de 2022.

MORAIS, Luiz Gonzaga Lima. **O legado intelectual do Padre Manoel Otaviano para a literatura nacional**. Disponível em: <https://revistadasemana.com/v3/2021/11/05/o-legado-intelectual-do-padre-manoel-otaviano-para-a-literatura-nacional/>. Acesso em: 02 de Mar. de 2022.

NETO, Felizardo Toscano Leite Ferreira. **Padre Manoel Otaviano**. Disponível em: <http://www.pianco.com.br/2017/08/padre-manoel-otaviano.html?m=1>. Acesso em: 02 de Mar. de 2022.

OLIVEIRA, Leiana Isis Soares de. *Entre o sereno e as prosas: um estudo historiográfico sobre o processo de urbanização em Monte Horebe- PB nas décadas de 1960 - 1970*. 2018. 112f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em História) - Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, Paraíba, Brasil, 2018.

OLIVEIRA, Liélia Barbosa. **Problemas sociais na Paraíba da Primeira República: Uma Análise a partir dos Governos de Venâncio Neiva d Álvaro Machado (1889-1895)**. Disponível em: <file:///C:/Users/win10/Downloads/12432-Texto%20do%20artigo%20COM%20identifica%C3%A7%C3%A3o-18333-1-10-20120327.pdf>. Acesso em: 01 de Mar. de 2022.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Uma Outra Cidade: O mundo dos excluídos no final do século XIX**. 1. Ed. SP: Companhia Editora Nacional, 2001.

PORTAL EDUCAÇÃO. **Conceito de Violência**. Disponível em: <https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/direito/conceito-de-violencia/24924>. Acesso em: 02 de Mar. de 2022.

RÉMOND, René; ROCHA, Dora. *Por uma história política*. Editora UFRJ, 1996.

ROBERTO, Antônio. **A importância da História Oral como fonte identitária de um povo: um resgate da memória**. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-da-historia-oral/20853>. Acesso em: 02 de Mar. de 2022.

ROCHA, E. A captura de novos sentidos na história - gênero e etnia. **Diálogos**, v. 4, n. 1, p. 145 - 160, 12 jun. 2017.

ROLIM, Claudiomar Matias. **História de Cajazeiras**. Disponível em: <https://www.google.com/imgres?imgurl=http://4.bp.blogspot.com/->

nTsipf_7k88/T6SBw1AEQzI/AAAAAAAAAj8I/x0QzCIFsCKI/s1600/5.jpg&imgrefurl=http://historiacajazeiras.blogspot.com/2014/09/rua-padre-jose-tomas-ruas-de-cajazeiras.html&docid=L0i8ZI48LVYxRM&tbnid=Pgl9ZlGHZod1bM&vet=1&w=1306&h=938&itg=1&hl=pt-BR&source=sh/x/im. Acesso em: 02 de Mar. de 2022.

ROSANVALLON, P. Por uma história conceitual do político. In: _____. São Paulo: Alameda, 2010, p. 73.

ROSANVALLON, P. Por uma história do político. São Paulo: Alameda, 2010.

SILVA, R. P. . El Santuario Celestial en la Apocaliptica Qumranica. Theologika , v. 28:2, p. 284, 2013.

VASCONCELOS, Carlos Eduardo de. **Mediação de conflitos e práticas restaurativas**. São Paulo: Método, 2008. Brainly.com.br <https://brainly.com.br/tarefa/16082012#readmore>. Acesso em 24 de julho de 2018.

VIEIRA, Jales Livia. **Violência e relações familiares: um estudo de caso em Catolé do Rocha**. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/riufcg/16014/LIVIA%20JALES%20VIEIRA%20%20%20TCC%20DIREITO%202017.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 de Jan. de 2022.

APÊNDICES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo NARRATIVAS E MEMÓRIAS SOBRE CONFLITOS FAMILIARES E DISPUTAS DE PODER NO DISTRITO DE SANTA FÉ - MONTE HOREBE-PB 1870-1900, coordenado pelo (a) professor (a) Dr^a. SILVANA VIEIRA DE SOUSA.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo: Compreender os conflitos familiares pelas quais as famílias Barbosa e os Viriatos se tornaram fervorosos e rivais entre os anos 1870 – 1900; entender os motivos pelos quais se originou os conflitos entre as famílias; identificar as relações de poder que predominavam no período de 1870 - 1900 no distrito de Santa Fé - Monte Horebe - PB e problematizar as vivências das famílias utilizando as memórias e compreensões dos indivíduos entrevistados.

Esta pesquisa se faz necessária e sua participação importante pois, é relevante fazer o registro dos acontecimentos daquele distrito naquela época. Conflitos que foram marcantes e que até os dias atuais ainda persistem na memória dos moradores. É comum no distrito e em regiões próximas conversas sobre o assunto de forma natural e harmônica sem receio ou qualquer outro tipo de subversões. Todos os acontecimentos passados são relatados sem nenhum teor de mágoas ou antipatia.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao (s) seguinte (s) procedimentos: Será feita gravação de áudio durante a entrevista que será acompanhada por um roteiro de perguntas para situar o diálogo dentro da temática da pesquisa.

Os riscos envolvidos com sua participação são: De acordo com a Resolução 466/2012 do CNS (BRASIL, 2012), toda pesquisa envolvendo seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados. Dessa forma, é preciso que as devidas precauções sejam tomadas por parte do pesquisador e demais responsáveis pela pesquisa, tendo o cuidado de assegurar aos participantes a desistência, a qualquer momento, da participação na pesquisa, sem que resulte qualquer prejuízo dessa decisão. Quanto maiores e evidentes os riscos, maiores deverão ser os cuidados no sentido de minimizá-los. Devem ser analisadas cuidadosamente as possibilidades de danos imediatos ou posteriores aos indivíduos ou grupos.

Os riscos com relação a este estudo serão mínimos, uma vez que não serão conduzidas experiências ou outras atividades potencialmente agressivas à integridade física ou mental dos participantes. Os participantes serão informados de que a pesquisa consistirá somente de respostas as questões postas por meio de entrevista, e os possíveis riscos serão, tão somente, relacionados a possível constrangimento ou desconforto ao relatar suas experiências. Os sujeitos participantes serão devidamente informados dessa possibilidade, destacando que podem desistir da pesquisa caso se sintam incomodados de alguma forma. Serão informados, ainda, sobre os benefícios que podem resultar do presente estudo.

Os benefícios da pesquisa serão: Os benefícios desse estudo e da colaboração dos envolvidos serão importantes, já que não existe uma historiografia sobre a história desse distrito de forma mais específica, e por ser um distrito muito antigo, os documentos foram se perdendo, desse modo os relatos serão importantes e o trabalho será de grande valia para toda a comunidade, para que sua história e especialmente a história que se mantem em forma de memória coletiva, seja colocada no papel como registro historiográfico e que todos tenham conhecimento, até mesmo para aqueles que ainda irão nascer.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário. Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você poderá buscar o direito de ser indenizado.

Esta pesquisa atende às exigências das resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), as quais estabelecem diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisas envolvendo seres humanos. Também estarão assegurados os procedimentos de segurança e cuidados voltados para as pesquisas realizadas em tempos de Covid 19 e ensino remoto.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) é um colegiado interdisciplinar e independente de caráter consultivo, deliberativo e educativo, que tem como foco central

defender os interesses e a integridade dos participantes voluntários de pesquisas envolvendo

seres humanos e, conseqüentemente, contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a Silvana Vieira de Sousa, ou ao Comitê de Ética em Pesquisas

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: SILVANA VIEIRA DE SOUSA

Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Endereço Pessoal: JUVENAL MARIO DA SILVA 377 MANAIRA, JOAO PESSOA PB

Endereço Profissional: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE- CENTRO DE FORMACAO DE PROFESSORES- EM FUNCAO DA PANDEMIA E TRABAHO REMOTO OS CONTATOS DEVEM SER FEITOS ATRAVES DOS CANAIS ABAIXO ALENCADOS.

Telefone: 83 999177771

E-mail profissional: *silvana.vieira@professor.ufcg.edu.br*

E-mail: *svs_sil@hotmail.com*

com Seres Humanos - CEP/CFP/UFCG cujos dados para contato estão especificados abaixo.

Dados do CEP

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande- CEP/CFP/UFCG, situado a rua Sergio Moreira de Figueiredo, s/n, Bairro: Casas Populares, Cajazeiras - PB; CEP: 58.900-000.

Email: *cepefpufegcz@gmail.com*

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

Cajazeiras-PB, 29/11/2021.

Messias Germinde Silva

Assinatura ou impressão datiloscópica do voluntário ou responsável legal

Alim Leocanda B. dos Santos

Nome e assinatura do responsável pelo estudo

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo NARRATIVAS E MEMÓRIAS SOBRE CONFLITOS FAMILIARES E DISPUTAS DE PODER NO DISTRITO DE SANTA FÉ - MONTE HOREBE-PB 1870-1900, coordenado pelo (a) professor (a) Dr^a. SILVANA VIEIRA DE SOUSA.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Compreender os conflitos familiares pelas quais as famílias Barbosa e os Viriatos se tornaram fervorosos e rivais entre os anos 1870 – 1900; entender os motivos pelos quais se originou os conflitos entre as famílias; identificar as relações de poder que predominavam no período de 1870 - 1900 no distrito de Santa Fé - Monte Horebe - PB e problematizar as vivências das famílias utilizando as memórias e compreensões dos indivíduos entrevistados.

Esta pesquisa se faz necessária e sua participação importante pois, é relevante fazer o registro dos acontecimentos daquele distrito naquela época. Conflitos que foram marcantes e que até os dias atuais ainda persistem na memória dos moradores. É comum no distrito e em regiões próximas conversas sobre o assunto de forma natural e harmônica sem receio ou qualquer outro tipo de subversões. Todos os acontecimentos passados são relatados sem nenhum teor de mágoas ou antipatia.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao (s) seguinte (s) procedimentos: Será feita gravação de áudio durante a entrevista que será acompanhada por um roteiro de perguntas para situar o diálogo dentro da temática da pesquisa.

Os riscos envolvidos com sua participação são: De acordo com a Resolução 466/2012 do CNS (BRASIL, 2012), toda pesquisa envolvendo seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados. Dessa forma, é preciso que as devidas precauções sejam tomadas por parte do pesquisador e demais responsáveis pela pesquisa, tendo o cuidado de assegurar aos participantes a desistência, a qualquer momento, da participação na pesquisa, sem que resulte qualquer prejuízo dessa decisão. Quanto maiores e evidentes os riscos, maiores deverão ser os cuidados no sentido de minimizá-los. Devem ser analisadas cuidadosamente as possibilidades de danos imediatos ou posteriores aos indivíduos ou grupos.

Os riscos com relação a este estudo serão mínimos, uma vez que não serão conduzidas experiências ou outras atividades potencialmente agressivas à integridade física ou mental dos participantes. Os participantes serão informados de que a pesquisa consistirá somente de respostas as questões postas por meio de entrevista, e os possíveis riscos serão, tão somente, relacionados a possível constrangimento ou desconforto ao relatar suas experiências. Os sujeitos participantes serão devidamente informados dessa possibilidade, destacando que podem desistir da pesquisa caso se sintam incomodados de alguma forma. Serão informados, ainda, sobre os benefícios que podem resultar do presente estudo.

Os benefícios da pesquisa serão: Os benefícios desse estudo e da colaboração dos envolvidos serão importantes, já que não existe uma historiografia sobre a história desse distrito de forma mais específica, e por ser um distrito muito antigo, os documentos foram se perdendo, desse modo os relatos serão importantes e o trabalho será de grande valia para toda a comunidade, para que sua história e especialmente a história que se mantem em forma de memória coletiva, seja colocada no papel como registro historiográfico e que todos tenham conhecimento, até mesmo para aqueles que ainda irão nascer.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário. Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você poderá buscar o direito de ser indenizado.

Esta pesquisa atende às exigências das resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), as quais estabelecem diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisas envolvendo seres humanos. Também estarão assegurados os procedimentos de segurança e cuidados voltados para as pesquisas realizadas em tempos de Covid 19 e ensino remoto.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) é um colegiado interdisciplinar e independente de caráter consultivo, deliberativo e educativo, que tem como foco central defender os interesses e a integridade dos participantes voluntários de pesquisas envolvendo

seres humanos e, conseqüentemente, contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a Silvana Vieira de Sousa, ou ao Comitê de Ética em Pesquisas

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: SILVANA VIEIRA DE SOUSA

Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Endereço Pessoal: JUVENAL MARIO DA SILVA 377 MANAIRA, JOAO PESSOA PB

Endereço Profissional: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE- CENTRO DE FORMACAO DE PROFESSORES- EM FUNCAO DA PANDEMIA E TRABALHO REMOTO OS CONTATOS DEVEM SER FEITOS ATRAVES DOS CANAIS ABAIXO ALENCADOS.

Telefone: 83 999177771

E-mail profissional: *silvana.vieira@professor.ufcg.edu.br*

E-mail: *svs_sil@hotmail.com*

com Seres Humanos - CEP/CFP/UFCG cujos dados para contato estão especificados abaixo.

Dados do CEP

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande- CEP/CFP/UFCG, situado a rua Sergio Moreira de Figueiredo, s/n, Bairro: Casas Populares, Cajazeiras - PB; CEP: 58.900-000.

Email: *cepcfufgecz@gmail.com*

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

Cajazeiras-PB, 29/11/2021.

Francisco Leite de Morais

Assinatura ou impressão datiloscópica do voluntário ou responsável legal

Aline Bezerra B. dos Santos

Nome e assinatura do responsável pelo estudo

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo NARRATIVAS E MEMÓRIAS SOBRE CONFLITOS FAMILIARES E DISPUTAS DE PODER NO DISTRITO DE SANTA FÉ - MONTE HOREBE-PB 1870-1900, coordenado pelo (a) professor (a) Dr^a. SILVANA VIEIRA DE SOUSA.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Compreender os conflitos familiares pelas quais as famílias Barbosa e os Viriatos se tornaram fervorosos e rivais entre os anos 1870 – 1900; entender os motivos pelos quais se originou os conflitos entre as famílias; identificar as relações de poder que predominavam no período de 1870 - 1900 no distrito de Santa Fé - Monte Horebe - PB e problematizar as vivências das famílias utilizando as memórias e compreensões dos indivíduos entrevistados.

Esta pesquisa se faz necessária e sua participação importante pois, é relevante fazer o registro dos acontecimentos daquele distrito naquela época. Conflitos que foram marcantes e que até os dias atuais ainda persistem na memória dos moradores. É comum no distrito e em regiões próximas conversas sobre o assunto de forma natural e harmônica sem receio ou qualquer outro tipo de subversões. Todos os acontecimentos passados são relatados sem nenhum teor de mágoas ou antipatia.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao (s) seguinte (s) procedimentos: Será feita gravação de áudio durante a entrevista que será acompanhada por um roteiro de perguntas para situar o diálogo dentro da temática da pesquisa.

Os riscos envolvidos com sua participação são: De acordo com a Resolução 466/2012 do CNS (BRASIL, 2012), toda pesquisa envolvendo seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados. Dessa forma, é preciso que as devidas precauções sejam tomadas por parte do pesquisador e demais responsáveis pela pesquisa, tendo o cuidado de assegurar aos participantes a desistência, a qualquer momento, da participação na pesquisa, sem que resulte qualquer prejuízo dessa decisão. Quanto maiores e evidentes os riscos, maiores deverão ser os cuidados no sentido de minimizá-los. Devem ser analisadas cuidadosamente as possibilidades de danos imediatos ou posteriores aos indivíduos ou grupos.

Os riscos com relação a este estudo serão mínimos, uma vez que não serão conduzidas experiências ou outras atividades potencialmente agressivas à integridade física ou mental dos participantes. Os participantes serão informados de que a pesquisa consistirá somente de respostas as questões postas por meio de entrevista, e os possíveis riscos serão, tão somente, relacionados a possível constrangimento ou desconforto ao relatar suas experiências. Os sujeitos participantes serão devidamente informados dessa possibilidade, destacando que podem desistir da pesquisa caso se sintam incomodados de alguma forma. Serão informados, ainda, sobre os benefícios que podem resultar do presente estudo.

Os benefícios da pesquisa serão: Os benefícios desse estudo e da colaboração dos envolvidos serão importantes, já que não existe uma historiografia sobre a história desse distrito de forma mais específica, e por ser um distrito muito antigo, os documentos foram se perdendo, desse modo os relatos serão importantes e o trabalho será de grande valia para toda a comunidade, para que sua história e especialmente a história que se mantém em forma de memória coletiva, seja colocada no papel como registro historiográfico e que todos tenham conhecimento, até mesmo para aqueles que ainda irão nascer.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário. Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você poderá buscar o direito de ser indenizado.

Esta pesquisa atende às exigências das resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), as quais estabelecem diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisas envolvendo seres humanos. Também estarão assegurados os procedimentos de segurança e cuidados voltados para as pesquisas realizadas em tempos de Covid 19 e ensino remoto.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) é um colegiado interdisciplinar e independente de caráter consultivo, deliberativo e educativo, que tem como foco central defender os interesses e a integridade dos participantes voluntários de pesquisas envolvendo

seres humanos e, conseqüentemente, contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a Silvana Vieira de Sousa, ou ao Comitê de Ética em Pesquisas

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: SILVANA VIEIRA DE SOUSA

Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Endereço Pessoal: JUVENAL MARIO DA SILVA 377 MANAIRA, JOAO PESSOA PB

Endereço Profissional: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE- CENTRO DE FORMACAO DE PROFESSORES- EM FUNCAO DA PANDEMIA E TRABALHO REMOTO OS CONTATOS DEVEM SER FEITOS ATRAVES DOS CANAIS ABAIXO ALENCADOS.

Telefone: 83 999177771

E-mail profissional: *silvana.vieira@professor.ufcg.edu.br*

E-mail: *svs_sil@hotmail.com*

com Seres Humanos - CEP/CFP/UFCG cujos dados para contato estão especificados abaixo.

Dados do CEP

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande- CEP/CFP/UFCG, situado a rua Sergio Moreira de Figueiredo, s/n, Bairro: Casas Populares, Cajazeiras - PB; CEP: 58.900-000.

Email: *cepcfufgecz@gmail.com*

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

Cajazeiras-PB, 29/11/2021.

Maria Lacerda Leite

Assinatura ou impressão datiloscópica do voluntário ou responsável legal

Aline Lacerda de Santos

Nome e assinatura do responsável pelo estudo

ENTREVISTA ORAL

ENTREVISTA 1 – MESSIAS FERREIRA DE LIMA

ALINE LACERDA (A.L) Boa tarde, Professor Messias.

MESSIAS FERREIRA (M.F) Boa tarde!

A.L O senhor autoriza que eu faça essa gravação?

M.F Sim, pode gravar

A.L Qual o seu nome completo?

M.F Messias Ferreira de Lima

A.L Qual a profissão do senhor?

M.F Sempre fui professor

A.L Estado civil?

M.F Casado

A.L Qual a sua idade?

M.F 75 anos

A.L A escolaridade?

M.F Superior, no curso de história né? E fiz especialização em história do Brasil.

A.L O que o senhor pode me relatar sobre como era esse distrito de Santa Fé antigamente?

M.F O distrito de Santa Fé teve seu apogeu a partir de 1840, o apogeu dele foi de 1840 a 1860, 90 por aí. Agora a partir de 1890 já começa, atentamente ao que vou lhe dizer, que foi impressionante o estágio que Santa Fé chegou é impressionante, porque não era fácil naquele tempo, no século XIX, devido à dificuldade de comunicação, sem estrada, sem nada, e surgir uma localidade que teve um progresso impressionante e chega a ser citado pelos grandes historiadores da Paraíba, como Coriolano de Medeiros, João Lira Tavares. Todos eles fazem citações sobre o progresso, veja bem, o progresso de Santa Fé, vê como ela foi interessante porque ela serviu de assim de intermediário, de intercâmbio, entre o Cariri cearense e o Vale do Piancó, que o Vale do Piancó é antigo também a colonização de Piancó, o Piancó é uma das localidades mais antigas do nosso sertão. O Piancó com exatidão ela serviu de intercâmbio de, como é que diz, de nascente a poente, de leste a oeste, o Vale do Piancó e o Vale do Cariri ela serviu de intercâmbio e de pouso para o transladei-os, e de sul a norte, também serviu de intercâmbio porque tínhamos em Pernambuco a pista de Triunfo, que é importantíssimo que era a mais evoluída da época, que o pessoal fazia esse movimento de Triunfo para pegar sal em Mossoró, e o ponto de convergência era, também nessa geografia, Santa Fé. Então, isso foi um dos fatores da sua evolução e o clima muito bom, era serra, o

começo de serra, o clima era bom. Agora, esse é o meu ponto de vista, era uma região muito íngreme, a localidade de Santa Fé fica numa baixadizinha, que é um abaixado. Na lateral esquerda do Rio Piranhas e rodeada de serrotes, não tinha nem como crescer, escolheram um local muito ruim para a localidade crescer mesmo. Mas tinha uma explicação, era a água do Rio Piranhas, porque era só ali que podia encontrar água, poço, cacimba e etc. para o povo se abastecer, esse foi um fator geográfico da chamada localização de Santa Fé. Aí vem, quando ela atinge esse auge, por exemplo, a ponto de um padre vim passar as férias em Cajazeiras, esse padre Manoel Lins de Oliveira, veio pra Cajazeiras porque um irmão dele era professor do diocesano, ele veio aí numa época de férias e achou muito interessante aqui, gostou da região e o irmão dele também não era daqui, nem ele, "Á quando eu terminar de estudar o curso, tem onde morar aqui?" Era Santa Fé, ele gostou da região, aí quando ele terminou, quando ele se ordenou, aí veio pra Cajazeiras e de Cajazeiras "Não, vou ficar em Santa Fé", aí pronto, aí ele foi justamente que conseguiu trazer a família, a família dele, cunhado, irmão, não sei quem mais. Isso sabendo como era bem vividos por eles que instalaram as principais casas de comércio de Santa Fé. Eu não sei se é exagero dos historiadores da época, mas dizia-se que as casas dos tecidos, que era forrada até de tapetes, as casas comerciais, algumas casas comerciais de Santa Fé se igualizavam-se com as casas de centro de Campina Grande, mas eu não sei se é exagero dos historiadores da época, mas é muito impressionante, importante isso aí. E teve um período alto teve, aí justamente: Por que esse povo saiu de lá, esses comerciantes? Um dos fatores foi o problema da morte do padre, a morte de Manoel Barrabás, que era cunhado do padre, aí o padre foi embora e a família foi também. A saída também do Cazuza Marinheiro, que era o Manoel Guimarães, que foi morar em Cajazeiras, ele era um dos homens mais ricos da região. Inclusive, aqui tem uma família importante, a família Jô, que o bisavô deles, trisavô talvez, pode ser, foi vaqueiro dele, então quando ele foi pra Cajazeiras ele tinha muitas terras aí, e o vaqueiro trabalhava naquele sistema lá, de quatro uma, cinco uma, em nascimento de bezerro. Aí deixou com o vaqueiro, na casa era três vaqueiros, cada um ele deu um pedaço de terra, deu uma propriedade, aí ele foi morar em Cajazeira, a família dele lá tornou-se uma família importante, família Guimarães, era o avô de Zé Guimarães, Otacílio Jurema, na história Cajazeiras conta muito bem a decadência desse Manoel Guimarães, lá era Manoel Guimarães, aqui em Santa Fé era conhecido como Cazuza Marinheiro, porque o povo gostava de chamar de marinheiro o pessoal que vinha de Portugal, chamava de marinheiro. A saída dele também foi prejudicial, foi muito ruim para a Santa Fé, porque era um homem de bem, homem de muita riqueza. E ele foi quem contribuiu justamente com o governo do Estado, com o governo do Ceará para destruir os Viriato lá,

segundo os historiadores da época, reuniram mais de 700 homens para destruir os Viriato no distrito de Boa Esperança, e eu acho muita gente, eles conseguiram naquele tempo 700 homens, vamos que fossem nem 300 homens já era muita coisa para enfrentar esses Viriato. Os Viriato eram fortes, mas eles conseguiram destruir, lá foi o seguinte: Eles deixaram vivos só as crianças e os velhos, dos homens só escaparam os que fugiram e, justamente, os três irmãos mais importantes dos Viriato conseguiram fugir e foram se localizar lá na região de Conceição, que naquele tempo era Itaporanga. E lá quem mandava lá era o Cazuzza Lacerda, que era primo de Zé Lacerda aqui, o avô de Zé Lacerda, deputado estadual, e lá era quem mandava lá. Quando eles começavam a fazer confusão de novo lá na região de Conceição, Cazuzza Lacerda juntou a tropa dele e botou eles para ir embora, morreram dois, escapou um, o mais velho, ele fugiu pra Ceará, lá foi preso lá no tráfico, depois do tráfico ele foi para Fortaleza, ficou uns 20 anos preso lá, depois voltou e morreu já velho lá na cidade de Lavras da Mangabeira, aí foi o fim dos Viriato, agora foi uma coisa triste. Então contribuiu também para além de Manoel Guimarães, o dinheiro, gente, para organizar essa expedição para ir atacar os Viriato, e Timóteo Pereira, também de Bonito, nesse tempo estava começando a ocupação, ele também era um homem importante, ele contribuiu com gente, dinheiro, para a destruição dos Viriato. E foi destruído também os Barbosa, a polícia destruiu os Barbosa, os que a polícia não matou, fugiu, desapareceu e nunca mais pisou aí em Santa Fé, mas a localidade já está em total decadência e não teve mais como recuperar, a seca de 77 contribuiu muito para isso.

A.L O senhor pode me relatar quem foram os primeiros habitantes do distrito de Santa Fé?

M.F O autor lá do livro Cavalo de Piripiri fala em várias famílias que chegaram lá, família Verdegé, família Barbosa e outras que eu não me lembro agora, e a gente tem que ver quando foi povoada essa região aqui, a colonização da nossa região aqui começou aqui por baixo, pela entrada do Boqueirão, porque a povoação começou na região do Parque Piranhas Pombal e veio subindo, subindo e atravessaram ali o Boqueirão, naquele tempo não tinha parede era o buraco e começaram a povoar a região do Auto Piranhas e compreendia futuramente o município de São José de Piranhas. E a povoação tem início com as chamadas sesmarias, quando começaram a requerer as sesmarias na região a partir de 1753, foi quando o rei de Portugal acabou com a influência da Casa da Torre, que a Casa da Torre também andou por aqui também, se passaram algum tempo aqui foi por pouco tempo, não deixaram marca nenhuma da Casa da Torre, só a partir de 1753 quando a Casa da Torre perde essa influência, que a Casa da Torre era dona da região toda, era da metade da Bahia, sul do Pernambuco, parte do Ceará, interior do Ceará, a Paraíba e ainda entrava no Rio Grande do Norte e no

Piauí, era quase o tamanho da Europa as terras da Casa da Torre. Era deles lá por direito naquele tempo lá, como era naquela época, e eles perderam esse tipo de propriedade por uma lei a pedido do Marquês de Pombal, que foi um grande ministro. Em 1753 acabou com essa influência, aí quem morava na região que pagava tributo a Casa da Torre, já queria para si as terras para se tornar proprietário e quem não tinha que chegou de fora também foi requerendo, então as requisições começaram em 1753 a 1759, sendo o primeiro a requerer aqui na região até foi o de Vital Vieira aqui no município de São José de Piranhas, que é o que interessa a nós, que pertencia também a Horebe. Em 1759, Vital Vieira da Costa e depois ele faz a doação do terreno da capela lá de São José de Piranhas, que era inquilino velho, e depois foi transferido para cá, por causa da construção do açude do Boqueirão e aqui Francisco Xavier de Miranda que é do outro lado, depois da Serra do Boqueirão, um requereu a terra do rio para o lado do poente e o outro requereu do rio para o lado da nascente. E aí começa a povoação da região que foram chegando novas pessoas que queriam a sesmaria, uma sesmaria era uma légua de terra, de largura, com 3 de fundura, geralmente de rios porque tinha que ter água, o governo só fazia a concessão de uma sesmaria de tivesse água, porque o cara não ia querer terra sem ter água, tinha que ter uma lagoa, um rio, uma coisa assim. E aí teve a remissão de Horebe, da serra de São José de Piranhas que já tinha até começado e depois a sesmaria do Cedro, que já é do município de Santa Fé. Aí as famílias menores já indo ocupar terras que já eram requeridas ou compradas a esses primeiros sesmeiros ou descendentes principalmente ali na região de Santa Fé, gente de Piancó, e principalmente da região sul daquela... A Ramalho, a Verdegé, Barbosas, Leite vieram toda, aquela região ali já era habitada, a região ali de Triunfo, Serra Talhada, aquela região ali, as duas povoações mais antigas do lado sul era Triunfo e Sousa.

A.L De que viviam os primeiros moradores de Santa Fé?

M.F A principal atividade era a criação do gado, o gado foi o grande responsável pela colonização do interior não só de São José de Piranhas, nem de Horebe nem de Bonito, mas de toda a região do Nordeste o gado veio na frente, o homem tangeu o boi e o boi puxou o homem, localizando, formando as fazendas, caba chegava só ou com a família e fazia um curral, fazia uma um rancho, esse rancho posteriormente se transformava numa casa, numa fazenda e muitas dessas fazendas se tornava um povoado e cidade posteriormente, todas menos Cajazeiras que surgiu em torno de uma escola, foi a escola do Padre Rolim, todas essas outras povoações surgiram em torno de casa, de fazendas e de currais de gado, posteriormente, a partir do século XIX depois da Guerra da Secessão, 1965, nos Estados

Unidos, é que começa o problema do algodão, o algodão começa a ser valoroso, o pessoal começa a plantar algodão, pronto fica ali também pro capim pra criar gado é a mão na roda, a criação de gado e posteriormente o surgimento do algodão e o surgimento do algodão e o resto era agricultura de subsistência, plantava o milho, feijão, depois as enchentes, pequenas engenhocas, mais só depois das cavações dos açudes, e as engenhocas, aqui na nossa região, por exemplo no município de São José de Piranhas, no meu livro lá eu até consegui relatar 60 e poucos engenhos, engenhocas, e muitas casas de farinha, principalmente, na região de Horebe, de Serra né, além da pecuária aí vem a importância do coro do bode, criava muito bode, o coro do gado, coro de animais também silvestres, além disso a agricultura de subsistência milho, feijão, a farinha e a rapadura.

A.L O que o senhor sabe sobre a história corrente sobre os conflitos entre famílias ocorridos em tempos passados no distrito?

M.F Olha o município aqui, para estudar, por exemplo, Bonito, São José e Horebe, tem que partir de São José de Piranhas e a nossa região sempre foi uma região de fase, enquanto nas outras regiões se tornavam famosas por brigas, confusões, terras de homem valente, aquela coisa lá do Piancó, quando o caba fala no Piancó, era terra de homem valente tendeu. São José de Piranhas, a região aqui, a nossa região era uma região de gente pacata, primeiro porque aqui não havia os chamados coronéis portfolios, aqui não havia gente rica, rica como por exemplo no Vale do Cariri, ali no Ceará, que tinha homens que tinha muitas propriedades, muitos agregados, enchente roendo a seca toda, casas de farinha rodando a seca toda, muitos 100 moradores de gente, então essa era os coronéis de lá, os coronéis da guarda nacional, eles tinha também, além dos agregados tinha também os caba pra fazer as obrigações que eles queriam fazer, dá possa em gente, matar gente pra tomar as terras, essa coisa toda. Na nossa região, os proprietários de terra aqui era um povo pobre, só tinha aquela terrinha coisa pra lá e pra cá então, ou seja, uma região que não tinha potência política, homens fortes, não havia conflitos internos, pelo menos que eu sei, que eu conheço, aqui não existia aqueles conflitos, que a gente vê estudando a história dos municípios, o povo de família que durava 100 anos, gerações e gerações, tranquilidade, não ouve esse problema de confusões entre famílias aqui, eu não tenho conhecimento, veja bem que faz tempo que eu pesquiso aqui sobre nossa região, mas não tem, a realidade política é o que faz com que não exista esses conflitos entre famílias, que era uma coisa comum e natural do século XIX até o século XX, era a potencialidade dos senhores que moravam nas regiões, nossa região era uma região de pequenos agricultores, que não valia a pena ser valente.

A.L O que conta sobre a destruição de Santa Fé?

M.F A história de Santa Fé já foi relatada ali né, mais ou menos quando por causa da são aqueles quatro fatores que você tem que ver: a morte de Manoel Barrabás na frente de casa, que saiu a família toda, os conflitos entre os Barbosa e os Viriato, o morticínio eleitoral de Cajazeiras, provocada por João Dias Ferreira, que foi justamente a eleição de 1972 e a seca de 77, então esses quatro fatores aí são importantes e isso a gente tem que analisar pra ver como é que uma localidade desaparece do sertão, é uma coisa impressionante, o que faz o pessoal vir aqui por exemplo, vários pesquisadores de Bonito, de Recife, de Campina Grande, de João Pessoa, de Fortaleza já estiveram sentado aqui, conversando comigo sobre Santa Fé, como foi, como é que uma localidade chega numa posição em que Santa Fé chegou e de repente desaparecer e ficar uma localidade de escombros e nós sabemos que só depois, agora depois do século XX é que recomeça, que aquelas casas que tem lá não ficou pedra sobre pedra, até a Igreja destruíram, eu não sei se ainda tem lá o Cruzeiro, que foi a única coisa que restou da antiga Santa Fé foi o Cruzeiro.

M.F Um dos fatores da decadência de Santa Fé foi o morticínio eleitoral de Cajazeiras, porque a parti daí ouvi uma perseguição muito grande com o pessoal de Santa Fé, porque para lá fecharam escola, a polícia não foi mais para lá, fecharam delegacia, lá tinha delegacia. E então, o que acontece depois dessa briga, os pires Ferreiras não foi preso, foi marcado um júri, ele se apresentou e foi absolvido, aí a mulher do tenente Cartaxo que foi um dos que morreu na confusão era bem de vida e nesse tempo, nem na Paraíba tinha justiça, só tinha em Recife, para tu ver como as coisas eram difíceis nesse tempo!? Daí ela pegou e pediu para anular esse júri e conseguiu. Inclusive o advogado dela era nada menos do que Nabuco de Araújo, que era o pai de Joaquim Nabuco, Joaquim Nabuco era imperador do império e ele foi advogado desse cara, nessa questão, contra o pires Ferreiras. Aí ele se apresentou lá novamente para o segundo júri aí ele foi, mandaram para João Pessoa. Ficou lá preso, por enquanto, não resolvia a questão. A justiça toda vida foi lenta. E ele lá morreu na cadeia, então daí acabou o processo, porque morreu o principal. E então esse daí foi um fator da decadência de Santa Fé.

Um outro fator foi a história do padre Zé Tomaz que era o vigário da cidade de Cajazeiras, ele foi celebrar uma missa lá e não respeitaram, ele marcou a noite uma quermesse e o pessoal ficou jogando baralho, e não participaram, ele ficou com raiva e foi embora no outro dia e não celebrou a missa de manhã, o povo fala que ele jogou praga em Santa Fé, aquelas coisas, no livro lá fala que tinha sido o padre Ibiapina, o povo dizia que tinha sido o padre Ibiapina que tinha jogado essa praga, o padre Ibiapina pregou por aqui por essa região, Santa Fé, São José de Piranhas, Bonito de Santa Fé e ele fundou em Cajazeiras a casa de caridade, ali na

diocesana, a casa de caridade que foi transformada em No colégio diocesano, fundado pelo padre Ibiapina, mas não foi ele que jogou praga em Santa Fé, a conversa certa foi o padre Zé Tomaz, que foi o primeiro prefeito de cajazeiras, que o prefeito foi embora para o Ceará, e morreu pra lá então, esse foi o segundo fator e o grande fator da decadência de Santa Fé, é impressionante, como é que existiu uma localidade com casas comerciais importantes, o padre que foi para lá o padre Manoel Lins de Oliveira, ele trouxe a família dele do Recife, que ela a família dele, aí eles fizeram estabelecimentos comerciais que eram uma beleza, que só tinha casas comerciais na região. Muito bem planejados, aí ouve um problema de um casamento de uma filha dele, ele não queria, e o cara matou o Manoel Marratas que era cunhado do padre, daí o padre foi embora. Foi embora a família, então foi um grande fator da decadência de Santa Fé.

E também a saída do padre Manoel Lins de Oliveira, ele foi para o Ceará, lá para pentecoste. Outro também foi a seca de 77. 1877, três anos de seca acabaram com tudo, naquele tempo não tinha açude, não tinha carro pipa, daí o pessoal foi embora e não voltou mais devido as confusões de Santa Fé, era muita violência, Santa Fé só resolvia as coisas na bala e além disso, teve outro fator também muito importante que eu vim saber justamente, hemeroteca, até que enfim apareceu o nome, o que descobriu na hemeroteca o problema dos Viriatos que lá no livro havia só uma... Isso daí foi o seguinte, existe ali no Ceará e na estrema o povoado...

Com a paraíba, o distrito de Iara, antes era um povoado boi esperança e lá era dominado pelo um grupo de cangaceiros muito violentos e numerosos que eram os Viriatos, que era quem comandava aquela região e eles se enrascaram com um grupo de cangaceiros de Santa Fé que eram os Barbosas, esses Barbosas eram família do Inácio Lira que foi, que veio para são José de piranhas e foi prefeito, só que ele não se envolveu. O grupo Barbosa tinha um chefe que era chamado genuíno de Santa Fé, todo mundo se assombrava com ele, esses grupos aí de vez em quando se arengavam com o grupo Barbosa e Viriatos e vez em quando os Viriatos vinham em Santa Fé e metiam bala. Santa Fé é assim, em um buraco, se atirar de cima para baixo é bom que é danado, então quem que irão morar em um lugar desses? Um dos fatores da decadência de Santa Fé é essa questão dos Viriatos e Barbosas é tanto que dos Barbosas que não participaram. E que não morreram, ou alguns a polícia matou um bocado e outros foram embora, não ficaram, só quem saiu de lá e veio morar aqui foi o Inácio Barbosa de Lira, que foi o segundo prefeito daqui de São José de piranhas e formou a família lira que é muito importante aqui, aquele senador Lira. É tanto que ele retirou o sobrenome de Barbosa da família, ele não registrou nenhum dos filhos, ele teve 15 filhos e formou essa família grande aqui, mas nenhum botou, o nome de Barbosa no sobrenome, retirou, ficou só o Lira,

Francisco Lira, João Lira, retirou o Barbosa. Então, como é que uma localidade tão importante assim chega a desaparecer? É uma das perguntas que se faz lá no livro de cavalo de Piripiri. Porque isso desapareceu? Construiu lá na localidade não é nada fácil, onde já estava tudo organizado, já era distrito, já tinha delegacia, polícia, já tinha igreja, tinha comércio, tinha feira, a feira lá era importantíssima e de repente de desaparecer ficar uma cidade fantasma, todo mundo sumir e ficar igual as cidades gregas, cidades gregas antigas, ficar só escombros e a história, pois é. A questão de cajazeiras, do laticínio do morticínio de cajazeiras, cajazeiras era muito importante, era quem dominava o colégio eleitoral e passou a perseguir Santa Fé, para destruir mesmo.

A.L Onde era a primeira igreja de Santa Fé?

M.F Era lá em frente o Cruzeiro

A.L Por que a igreja foi derrubada?

M.F Eu não sei, quem acabou de derrubar foi Zé Bodé, ele fez o crime lá de destruir, quando eu a conheci em 1964, primeira vez que eu andei em Santa Fé, a igreja ainda estava assim, as paredes bem altas, ainda as paredes eram de pedra, mas eu ouvi dizer que ele retirou as pedras tudo para construir aquela ponte, mas rapaz tanta pedra em Santa Fé ele destruiu, um cara andou pelo mundo todo, conhecia lugares como o Rio de Janeiro, o cara tinha um certo conhecimento e fazer um negócio desse, você andou lá em Santa Fé? Sei que sempre anda e ainda vai andar ainda, pode olhar, é bom assim no tempo de seca que dá para ver, nem tem lá o Cruzeiro? Não tem ainda, entendeu, foi eu que pedi ao prefeito, ele é evangélico né? "Mas faça pelo menos uma calçadinha para o mato não cobrir tudo", olha de lado assim, por isso que eu tô dizendo pra você ir lá, assim quando não tem muito mato, na seca porque você vai ver lá, deixaram assim desse tanto de pedra quando sobe de nascente a ponte, que tem assim do lado do sul que é dentro de uma capoeira, pertinho, ali a frente, aí ainda têm os escombros lá de onde era a igreja.

A.L Qual foi a cidade sucessora de Santa Fé?

M.F Monte Horebe

A.L Você se lembra mais ou menos o ano do início e fim desses conflitos?

M.F Não existe nenhum relato, não encontrei nenhum relato nas minhas pesquisas ao certo, em tal época, sei que foi a partir de 1840, talvez tenha se iniciado a povoação de Santa Fé, e que foi rápido o crescimento dela foi rápido, porque de 1870 já começou... o processo foi muito rápido, e em 1896 o distrito já aí agora lá têm documento da criação do distrito, tem a data da criação do distrito e tem a data também da transferência do distrito, quando é criado um distrito, logicamente, já é criado, naquele tempo, era criado a delegacia, com delegado e

tudo, mas assim porque não tem fundador , ninguém sabe quem fundou Santa Fé, pôr as famílias que foram chegando lá, não existe assim, principalmente, um fundador ninguém sabe, o período auge de Santa Fé é de 1840 a 1870, 1900 já vem a decadência.

A.L O que o senhor pode me relatar sobre os conflitos em Santa Fé? E o que sabe sobre as famílias Barbosa, Ramalho e Leite?

M.F Os conflitos de Santa Fé era conflito de bebedeira, de cachaça, não era coisa assim, o pessoal se reunia lá e havia bate boca, a confusão séria que existiu lá foi dos Viriatos com os Barbosa, isso foi horrível para a Santa Fé, mas é isso que eu digo, conflito de família eu não conheço, mas pelo menos até as coisas que eu li ninguém relata nada sobre não sei quem brigava com quem, só as famílias rivais como a Barbosa, com sei que lá

M.F Mas esses conflitos daquela época, era conflito em todo canto tinha, assim não existia brigas de famílias que era o que era perigoso pra época era isso, confusão de cachaça em todo canto tinha, por bebedeira, essas coisas nera, em dia de feira o pessoal andava tudo armado, então havia esses conflitos de Santa Fé, havia essas briga, mas eu quero dizer assim não havia rixa de família, eu não conheço rixa de família, eu não conheço rixa de família em Santa Fé que chegasse a prejudicar o desenvolvimento da localidade entende, se teve não ficou registrado.

M.F A família Ramalho era uma das famílias mais importantes da época na Paraíba, teve época que existia Ramalho por todo canto, era médico, era advogado, era desembargador, era juiz, muito muito importante a família Ramalho, porque ela é só dali, a família Ramalho veio de Conceição a ramificação Ramalho dali é uma ramificação dos Ramalho de Conceição, a família Ramalho é muito importante, hoje praticamente não existe mais ninguém mais lá da família Ramalho, mas no auge de Santa Fé a família Ramalho era certo importante , só que a família Ramalho não morava na localidade, morava no sítio Cabrais por isso que eles ficaram lá, se por tivesse morado lá na cidade talvez tinha saído também, inclusive teve até alguém que disse que as coisas que ficaram abandonada lá que eles venderam, tinha muita madeira muita coisa que não era nem deles, mas ficou abandonada, eles tomaram e conta e ficaram vendendo, não sei se isso é verdade.

M.F A família Barbosa, o que eu sei é que ouve essa, era uma família importante lá em Santa Fé e o rumo o famoso Jesuíno formou um grupo de cangaceiro e começou a fazer depredações pela região, mas sempre morando em Santa Fé, roubava dinheiro por aí, eles

entram em choque com os Viriatos, esses conflitos entre Barbosa e Viriatos só se acabou com a destruição dos dois porque os Viriatos só daí do Ceará foram destruído pela polícia da Paraíba, do Ceará pelos Jacusi, coronéis que botaram pra correr e os Barbosa também a polícia veio, a polícia da Paraíba veio aí e butou pra correr, matou um bucado, outros foram embora, o que eu sei a respeito da família Barbosa é isso, somente um dos Barbosa que não se envolveu em confusões lá em Santa Fé, ele veio morar em São José de Piranhas, foi Inácio Lira que formou uma grande família, a família Lira.

M.F Eu não tenho conhecimento, eu não sei se é aqueles lá, deve ser daqueles Leite de Bonito porque tem uma família Leite em Bonito importante também e misturou com a família Lacerda, a família Lacerda é de Mauriti e eles vieram pra... a família Lacerda era muito grande era três irmãos que vieram de pombal e se localizaram em Mauriti e tem um filme muito bom a história de Moisés que era de lá e a família Lacerda de pombal e se localizou lá e formou essa grande família, essa família Lacerda de Mauriti ela se espalhou por Conceição, Itaporanga, Curral Velho e Ibiara, aquela região toda, Bonito de Santa Fé e São José de Piranhas, lá tem a família Leite também, essa família Leite também é importantíssima. Tem Leite em Piancó, a família Leite do Bonito, principalmente de Conceição, estão a ramificação, é isso tinha que chegar a Santa Fé também porque a influência das famílias que se localizaram em Santa Fé era mais do lado de daquela região de Conceição.

A.L Quando estava conversando informalmente com algumas pessoas no distrito de Santa fé, Monte Horebe-PB, costuma-se escutar sobre a passagem de lampião por aqui. Tomando isso como referência, conte-me sobre a passagem de lampião aqui no distrito. E se isso influenciou nos conflitos e na destruição de Santa Fé?

M.F Quando Lampião passou em Santa Fé não existia mais Santa Fé, isso foi no século XX, toda a história de Santa Fé encerra em 1896 e 1900 e poucos com a mudança do distrito oficialmente pelo Governo do Estado, transferiu o distrito, quando diz transferiu o distrito o oficial, o delgado essa coisa agora passou a ser tudo lá em Bonito. Lampião passou aqui nessa região somente uma vez, ele veio foi em 1925, ele veio ali pelo Vale do Piancó, matou muitos da família Nunes lá do até um parente desse povo dos Nunes aqui, pelo lado do Aguiar, por lá os caba diz, mataram um aí no sítio Catolé no município de São José de Piranhas dentro das terras de Firmino de Palestino, na época era um morador de Firmino Palestino que morava com outras pessoas com ele lá e ouve um desentendimento com o morador desse João Pelino ele deu umas chicotada nesse morador, esse morador foi embora, desapareceu ai coincidentemente vem no grupo de Lampião, como cangaceiro de Lampião aí

vai e pega João Pelino em casa e vai e matou João Pelino aí eles passaram dormiram no Sítio Lagoa de dentro onde hoje tem a ponte, nessa ponte de cá, a outra na estrada de Carrapateira, dormiram ali, aí subiro e passaram pelo Sítio Cabrais mataram os Ramalho já nos Cabrais mataram por perversidade mesmo, a mãe dele, dos Ramalho, uma família muito importante né, antes não tinha ramalho, era uma mulher Gordona, só tinha um filho em casa o outro tinha casado, aí era Aristides o nome dele, no livro tem, aí vamos sair de casa hoje à noite Lampião, vem aí Lampião home lampião vai mexer com nois não, vamo ficar, aí quando eles chegaram no terreiro aí o cara caiu na besteira de correr aí os caba atirou e mataram aí pararam em Santa Fé, nesse tempo não tinha nada, foi em 1925, não tinha nada, nem tinha Horebe também, a construção de Horebe começou em 25, a Missa de lá foi realizada pelo padre daqui Manoel Otaviano, fizeram uma palhoça lá passaram no riacho dos cavalos incendiaram a casa de Venâncio Dias, queimaram uma palhoça de capim e entraram no Ceará. Foi essa vez que lampião passou aqui, ele não atacou São José de Piranhas e Lampião também não era besta, sabia que a polícia tava lá, não tinha por onde passar, Lampião quando passava já sabia, ele tinha os informantes dele só ia em lugar e nem ele andava em linha reta, ele sempre andava desviando a estrada, ele vinha na estrada que chamava ainda Presidente, essa estrada do Catolé, que tinha a mata de capim pro Piancó, aí passava aqui e ia pro Cariri chamava Estrada Real do Cariri quando chegou aí na lagoa ele deixou a estrada real do Cariri e subiu pros Cabrais, aquele caminho mesmo que hoje vai prós Cabrais por aqui, vai ser onde fizeram a estrada que vai pra Santa Fé, porque a estrada de Serra Grande, fica se muito dá dois quilômetro pra Santa Fé, saindo da estrada de terra e já tem a ponte pro povo conhecer Santa Fé.

ENTREVISTA 2- FRANCISCA LEITE DE MORAIS

ALINE LACERDA (A.L) Boa tarde!

FRANCISCA LEITE (F.L) Boa tarde!

(A.L) A senhora permite que eu faça essa gravação?

(F.L) Sim.

(A.L) Qual o nome da senhora?

(F.L) Meu nome é Francisca Leite de Moraes, apelido Moraizinha.

(A.L) Qual a idade da senhora?

(F.L) 50 anos.

(A.L) Qual a sua profissão?

(F.L) Agricultora.

(A.L) É, a escolaridade da senhora?

(F.L) 8º ano.

(A.L) Estado civil?

(F.L) Casada.

(A.L) Pois vamos dar início a entrevista...

(A.L) O que a senhora pode me relatar sobre como era o Distrito de Santa Fé antigamente?

(F.L) Minha filha, eu ouvi falar quando eu era criança e até hoje, que lá era uma cidade, uma cidade pequena, pacata, de muito movimento, comércio, com delegacia.

(A.L) Quem foram os primeiros habitantes do Distrito?

(F.L) Minha filha, pelo o que eu ouvi era famílias né, família Ferreira, família Barbosa, Ramalho eram habitantes de lá, era as famílias que eu ouvia sempre falar, tinha família Luiz.

(A.L) Quais eram as atividades mais conhecidas que ainda estão presentes na história de Santa Fé?

(F.L) É, eu ouvia sempre falar que as atividades lá era criação de bois, era comércio sabe, assim vendas até de tecidos, de carne né, tinha o tecido, tinha a carne, todo tipo de coisas importadas, tipo farinha, rapadura.

(A.L) Aí vinha gente de fora comprar em Santa Fé?

(F.L) Vinha.

(A.L) De onde?

(F.L) Vinha gente de Ceará, é tipo Ceará, Juazeiro, dá no mesmo né, Cajazeiras também vinha, São José de piranhas, eu acho que dessas cidades que a gente... Não, era só essas cidades mesmo, que eu lembro né.

(A.L) O que a senhora sabe sobre a história recorrente dos conflitos entre as famílias ocorridos em tempos passados no Distrito?

(F.L) Das famílias eu ouvia sempre falar da família Barbosa, que já eram habitantes de lá, com a família Viriato que veio do Ceará e criaram um conflito.

(A.L) Só essas duas ou tinha mais?

(F.L) Tinha mais, tinha a família Ferreira, tinha a família Luiz.

(A.L) O que a senhora conta sobre a destruição de Santa Fé?

(F.L) Foi destruída a balas, que foi nesses conflitos de briga né, que aí dava tiroteios, troca de tiro, então na troca de tiro o pessoal começou a ir embora, então acabou com o lugar. Você acredita que quando criança encontrava de sacos de chumbo nos arredores de Santa Fé!?

(A.L) Qual foi a cidade sucessora de Santa Fé?

(F.L) Hoje é Bonito de Santa Fé, que até carrega o mesmo nome né, o próprio nome já diz, Bonito de Santa Fé. Porque, eu te digo, porque quando foi feito os primeiros prédios de Bonito, veio os materiais, restante de materiais quando acabou a cidade de Santa Fé, foram carregados os tijolos nos jumentos, telhas, madeira, então veio de lá para fazer os primeiros prédios de Bonito, aí fica Bonito de Santa Fé. Depois foi que veio a surgir Monte Horebe.

(A.L) A primeira igreja de Santa Fé onde era e por que mudou de lugar?

(F.L) A igreja, ela situava no lugarzinho mais alto e como ela foi destruída a balas de bacamarte, de armas pesadas, que a gente nem lembra quais são né, que hoje mudou os nomes, mas foi destruída a bala a igrejinha e foi feita numa parte mais baixa.

(A.L) Quem foi que reconstruiu essa igrejinha?

(F.L) A família Ramalho.

(A.L) Por que a família Ramalho construiu essa Igreja?

(F.L) Porque depois da destruição eles foram morar lá, eles eram uma família grande, uma família estruturada como devemos dizer né, tinha mais um padrão de dinheiro e foram morar lá, antes moravam no pascoal e cabrais uns sítios vizinhos a Santa Fé, então eles reconstruíram, começaram a construir a Santa Fé de novo.

(A.L) Você se lembra mais ou menos o ano do início e fim desses conflitos?

(F.L) 1890 a 1900, não lembro bem, mas foi nesse período minha filha.

(A.L) Você acha que esses conflitos influenciaram no desenvolvimento de Santa Fé?

(F.L) Sim.

(A.L) Em relação aos padres e os comentários de uma suposta maldição, o que a senhora conta?

(F.L) Sobre os padres eu não ouvia muito, devido eu ser muito criança, ouvia dos mais velhos então eu não aprendi muito sobre os padres, vi falar assim depois de tudo, Frei Damião andou em Santa Fé, abençoou porque ele falou que Santa Fé não crescia por conta de muito sangue derramado e ele ia dá uma benção para que ela pudesse desenvolver, só que ela não ia ser mais aquele lugar que ela era antes. Então, agora tentando me recordar lembrei de uma história, não se é verdade, mas dizem que o padre José Tomas ele veio pra Santa Fé pra celebrar uma missa, missa do povo, daí a família Viriatos chegou em Santa Fé porque era já a família do tumulto, a família da briga com os Barbosa, eles chegam lá, o pessoal tava indo pra igreja, foram barrados eles não foram pra igreja porque esses pistoleiros, disseram assim, não deixaram o pessoal ir pra igreja, e do outro lado tinha aquelas pessoa que não ia pra missa porque não tava interessado, não queria ir e tava jogando baralho, e jogando dominó e o bozó que é um jogo também antigo, eles tavam jogando esses três tipos de jogo numa banca apostando dinheiro, esse pessoal chegou e perguntou, esses armados né perguntaram se esse povo ia pra missa, eles falaram que não , tava jogando, tava intertido, não ia na missa, eles simplesmente viraram a mesa do jogo e falaram então vocês não vão pra missa e nem vão jogar porque a gente tá aqui e não vai deixar e pra melhor não vai acontecer é missa nenhuma, vamo butar aquele padre pra ir embora daqui e é agora e se ele se negar ele vai é morrer, subiram na igreja e fecharam a igreja e butaram esse padre pra sair correndo num burro, ele pegou esse burrinho dele e saiu à custa de balas, ele saiu correndo e foi se salvar no Sítio Lagoa de Dentro na casa de seu Filirmino, que era um senhor que morava lá próximo ao rio, e esse padre foi ter abrigo na casa desse senhor, que protegeu ele porque esses pistoleiro ia matar esse padre.

ENTREVISTA 3- MARIA LACERDA LEITE

ALINE LACERDA (A.L) Boa tarde!

MARIA LACERDA (M.L) Boa tarde!

(A.L) A senhora permite que eu faça essa gravação?

(M.L) Sim.

(A.L) Qual o nome da senhora?

(M.L) Maria Lacerda Leite

(A.L) Qual a idade da senhora?

(M.L) 65 anos.

(A.L) É, a escolaridade da senhora?

(M.L) 9º ano.

(A.L) Qual a sua profissão?

(M.L) Agricultora aposentada.

(A.L) Estado civil?

(M.L) Casada.

(A.L) O que a senhora pode me relatar sobre como era o Distrito de Santa Fé antigamente?

(M.L) Era uma cidade, a cidade habitada por muita gente, tinha comércio, tinha igreja, tinha o comércio grande e eles matava dez bois por fera, para cada fera, delegacia, tinha delegado, tinha tudo.

(A.L) Quem foram os primeiros habitantes do Distrito de Santa Fé?

(M.L) A família Barbosa com a família Lacerda, mas tinham também as famílias Guimarães, a Ramalho que foi muito importante, e me recordo de ouvir falar de uma família muito perigosa do Ceará.

(A.L) Qual era essa família? A senhora lembra?

Minha fia, deixa eu ver... Era uma família com nome estranho, viriado, ou era Viriato!?

(A.L) E essa família era perigosa?

(M.L) Muito, foi uma das que brigaram com os Barbosas de Santa Fé, porque essa era também muito encrenqueira, só vivia de briga, de roubar e matar.

(A.L) O que sabe sobre a história recorrente dos conflitos entre as famílias ocorridos em tempos passados no Distrito?

(M.L) Era como já te disse que essas famílias virou motivo de guerra, que elas brigava, não se entendiam.

(A.L) Quem eram essas famílias?

(M.L) A família Barbosa com a Luiz, com a família Leite que também tem o sobrenome de Lacerda, a Ferreira e por aí que começaram os desentendimentos por conta de quererem ser ricos, ter mais poder, ter terra, naquela época quem tinha mais terra era bem visto, e daí foi começando a destruição de Santa Fé. Trocavam tiros com bacamartes.

(A.L) E o que a senhora conta sobre essa destruição de Santa Fé?

(M.L) Acabou com a cidade e terminou todo mundo indo embora, fugindo, a única família que ficou e depois reconstruiu Santa Fé foi os Ramalhos, que tomaram conta de tudo.

(A.L) Qual foi a cidade sucessora de Santa Fé?

(M.L) Bonito de Santa Fé e Monte Horebe muito tempo depois.

(A.L) A Igreja de Santa Fé onde era e por que mudou de lugar?

(M.L) Era no começo da cidade, mudou de lugar porque ela foi derrubada através de tiroteio, dessas brigas, uma guerra era realmente uma guerra, um bombardeio. A igreja de Santa Fé se acabasse através desse tiroteio e mataram um padre lá nessa igreja e o Frei Ibiatina condenou Santa Fé, bateu a sandália dele uma na outra disse que ela ia aumentar que nem correia de sola no fogo e ainda era de se cobrir de melão de São Caetano, não se cobriu não, mas tá perto.

(A.L) Você se lembra mais ou menos o ano do início desses conflitos?

(M.L) Acho que aí uns 150 anos aí atrás

(A.L) Você acha que esses conflitos influenciaram no desenvolvimento de Santa Fé?

(M.L) Sim, foi quem destruiu Santa Fé, foi esses conflitos, se num fosse as brigas e a praga de o padre jogou, Santa Fé era uma cidade grande, vinha gente de todo canto para lá, Ceará, Cajazeiras, Sousa, e outros estados.